



Cenário Macroeconômico Global e Brasil

2023

NOVEMBRO | 2022

FDC: ESPECIALISTA EM MÉDIAS EMPRESAS

A Fundação Dom Cabral

está entre as melhores escolas de negócios do mundo, na 9ª posição dentre as escolas de educação executiva participantes do ranking do Financial Times 2022.

Com aporte de toda essa experiência, o Núcleo de Médias Empresas, há mais de 30 anos, concebe e desenvolve soluções educacionais com metodologias proprietárias e intervenções com transferência de conhecimento.

Nosso repertório foi construído ao lado de mais de 30 mil presidentes e gestores de aproximadamente 3.500 Médias Empresas de todo o Brasil.

Dessa forma, temos contribuído para a formação de equipes de alta performance, por meio de ferramentas gerenciais e estratégicas que aumentam a competitividade e elevam os resultados.

POR QUE SOMOS REFERÊNCIA EM MÉDIAS EMPRESAS?

+ 30 anos

atuando em gestão
e governança de
Médias Empresas

+ 3.500

empresas atendidas,
nos últimos
30 anos

+ 300

professores atuando
em Médias Empresas

Fórum de Governança
e Gestão com

+ 2.500

participantes

+ 2.200

executivos capacitados
nas diversas áreas
da gestão empresarial

Intercâmbio de Melhores
Práticas com

+ 6.500

Presidentes e Dirigentes

+ 8.800

horas investidas no
planejamento
estratégico dos clientes

+ 18.300

horas investidas na
execução da estratégia
dos clientes

+ 15.300

horas investidas no
aprimoramento das áreas
de gestão dos clientes

RESPONSÁVEIS



CENARISTA

Gilmar de Melo Mendes

Doutor em Ciências Econômicas e Empresariais, pela Universidad de Valladolid da Espanha. Professor associado e pesquisador, na área de Estratégia e Finanças da Fundação Dom Cabral.

 [Linkedin](#)



COORDENADOR

Mauro Oliveira

Administrador de Empresas, com pós-graduação em Marketing e MBA Executivo. Gerente de Projetos na Fundação Dom Cabral.

 [Linkedin](#)

MOVIMENTOS GEOPOLÍTICOS REVELAM UM CONTEXTO MAIS FAVORÁVEL PARA O BRASIL

A dinâmica da geopolítica, conduzida pelas tensões ao redor do mundo, e o arrefecimento das cadeias globais de produção, agora, se encontram com os efeitos da Guerra na Ucrânia. Essa combinação de fatores externos abre novas perspectivas para Brasil.

Com a Guerra na Ucrânia, novos impactos são gerados pela subida dos preços de energia, pela ameaça da segurança energética na Europa e da segurança alimentar no mundo. Para além de todos esses efeitos, estão as tensões geradas pelas incertezas do desfecho do conflito. Essas tensões são adicionadas às geradas no Mar do Sul da China e de Taiwan.

A inflação aqui apresentada, assim como as taxas de juros estabelecidas pelas políticas monetárias dos Bancos Centrais ao redor do mundo, apontam uma forte desaceleração das economias avançadas.

As previsões para o PIB 2022 dessas economias foram refeitas para baixo. No entanto, para o Brasil, as expectativas para 2022 são melhores que aquelas anteriormente previstas.

UM GUIA PARA NORTEAR A TOMADA DE DECISÕES NO ÂMBITO ORGANIZACIONAL

Neste e-book, apresentamos um capítulo específico sobre as novas oportunidades que se abrem para o Brasil, que com um alinhamento geopolítico favorável, frente à polarização EUA e China, se posiciona para aproveitar essas oportunidades. Sobretudo, porque apresenta segurança energética, alimentar e institucional.

Nas Atividades Econômicas para o Brasil, estão descritos os aspectos da dívida pública, do mercado de trabalho, do crédito e de investimentos.

Na sequência, estão as projeções para a economia em 2022 e para o ano de 2023, assim como um breve relato das reformas, seus avanços e carteira de projetos de PPI planejadas para 2022 e 2023.

Em suma, este material é organizado em duas partes – Panorama e Perspectiva Global (Parte I) e Panorama e Perspectiva Brasileira (Parte II) –, com o propósito de apresentar uma visão ampla da economia global e brasileira, suficiente para a compreensão dos efeitos da dinâmica da geopolítica e suas consequências para mundo e, especialmente, para o Brasil.



**PANORAMA
E PERSPECTIVA
GLOBAL**

PARTE 1

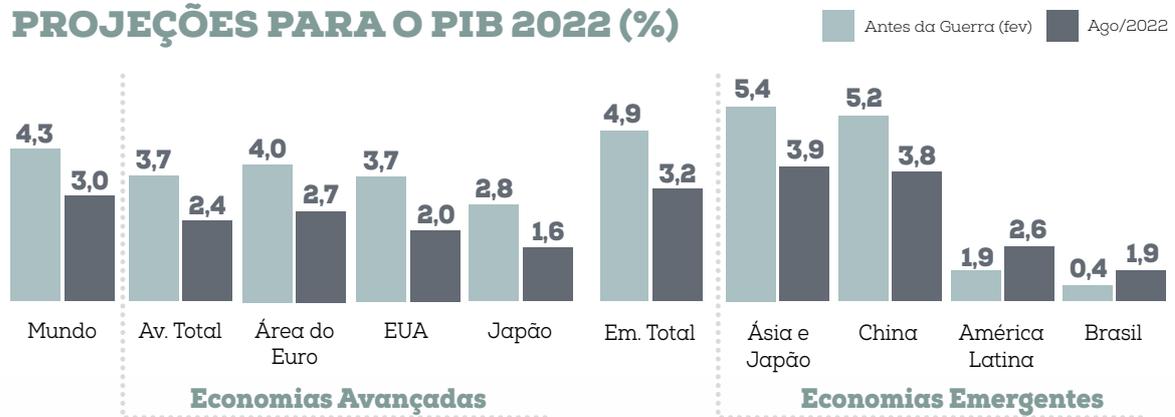
ATIVIDADE ECONÔMICA GLOBAL

Na análise de mesma temática, produzida no ano passado, vimos a recuperação das principais economias globais com o padrão em "V" e os efeitos da inflação global sob ritmo de crescimento futuro. No contexto atual, essa recuperação econômica sofre o impacto dos efeitos da Guerra na Ucrânia, com o prolongamento e o

agravamento da inflação global, assim como com a desaceleração mais acentuada das economias avançadas e da China.

O gráfico abaixo descreve essa trajetória para 2022, considerando as projeções anteriores e posteriores à guerra.

PROJEÇÕES PARA O PIB 2022 (%)



Fonte Primária: Mediana das projeções Bloomberg e relatório Focus (mediana das projeções últimos 5 dias; últ. Inf: 5/ago/22); Fonte Secundária: Banco Central do Brasil: Apresentação RCN_Mil - Cenário Econômico.

FATORES ECONÔMICOS X GUERRA NA UCRÂNIA

Vale observar que a retomada econômica pós-pandemia já revelava o enfrentamento de alguns fatores que poderiam impedir crescimentos mais acelerados.

Agora, esses fatores serão analisados à luz dos efeitos da guerra na Ucrânia.

Esses fenômenos são determinantes para a

perspectiva global – não somente para a retomada, como para o futuro da ordem global e, por consequência, da economia.

Essa mescla de fenômenos, já anteriormente descritos, persistem e se aceleram juntamente com aqueles advindos dos conflitos e de suas influências nos aspectos econômicos globais.

INSIGHTS

- O mundo desacelera em 1,3 % e as economias avançadas recuam 1,3%, puxadas mais pela União Europeia.
- Os emergentes recuam 1,75% sob o impacto da redução na Ásia, de forma especial a China.
- A América Latina, em especial o Brasil, se diferencia.

Tensões Globais

As tensões globais, já apresentadas na análise anterior, agora sofrem o acréscimo da Guerra na Ucrânia.

Isso significa que fenômenos como arrefecimento da globalização, antes acelerado pela pandemia, agora, são

impactados pelo conflito na Europa, em escala ainda não definida e com um profundo abalo na segurança energética da região. Fenômenos esses que, combinados, podem redesenhar os arranjos geopolíticos e as cadeias globais de produção.

GUERRA NA UCRÂNIA

A Guerra na Ucrânia se arrasta para um desfecho ainda desconhecido e preocupante. Seus efeitos na economia global se revelam pela desaceleração econômica americana e uma recessão na Europa.

No entanto, consequências estruturais já foram identificadas, entre elas estão os temas de segurança energética e alimentar.

A dependência energética da Europa com relação à Rússia se revela ponto crucial desse conflito.

Em 2021, a Rússia forneceu cerca de 40% do gás utilizado na Europa. A transição energética do bloco para uma economia de baixo carbono e seus compromissos assumidos no Acordo de Paris tinham o gás russo como peça-chave.

Agora, três desafios se apresentam claramente:

- Acelerar a transição energética;
- Enfrentar a emergência do inverno que se aproxima – uma vez que a Rússia anunciou, no início de setembro, que interromperá indefinidamente o fornecimento de gás;
- Manter os compromissos do Acordo de Paris.

SEGURANÇA ENERGÉTICA GLOBAL

O Brasil se apresenta como parceiro essencial para a segurança energética global

A segurança energética ficou comprometida, isso implica novos planos de diversificação de fornecedores e fontes de energia.

O governo da Alemanha tem incentivado a geração de energia eólica e solar. No primeiro semestre de 2022, cerca de 50% da energia consumida no país derivou de fontes renováveis.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou que a UE fará uma reforma completa

e profunda no mercado de energia. Segundo ela, será necessário desvincular os preços de energia elétrica da influência dominante do gás. Além disso, anunciou a criação de um banco público dedicado ao hidrogênio, com investimentos de quase 3 bilhões de euros.

O plano europeu para a redução da dependência energética da Rússia estabeleceu a meta de alcançar um suprimento de 20 milhões de toneladas de hidrogênio por ano, até 2030.

O hidrogênio verde é um dos principais concorrentes a substituir o petróleo e os combustíveis fósseis em setores de difícil abatimento de emissões de carbono, como transporte e siderurgia.

A Guerra na Ucrânia também impacta a segurança alimentar global. E o Brasil, hoje, é responsável pela segurança alimentar de mais de um bilhão de pessoas – segundo estudos apresentados mais adiante, o país crescerá sua produção em mais de 40% até 2026.

MAR DO SUL DA CHINA

Um dos principais pontos das tensões globais ocorre no Mar do Sul da China. Em 2022, de forma especial, os potenciais conflitos foram agravados pela rivalidade entre EUA e China, em função de Taiwan. A China vem reforçando sua presença militar na área, construindo ilhas artificiais e bases militares na região.

Como consequência, os EUA enviam cada vez mais navios de guerra, aumentando sua presença militar na região.

A figura a seguir apresenta os países que reivindicam suas posições na região e uma síntese das informações de área, comércio e reservas de petróleo e gás.

FIGURA 1 - DISPUTAS NO MAR DO SUL DA CHINA

Disputed claims in the South China Sea

Claims

- China
- Philippines
- Malaysia
- Brunei
- Vietnam



Area:

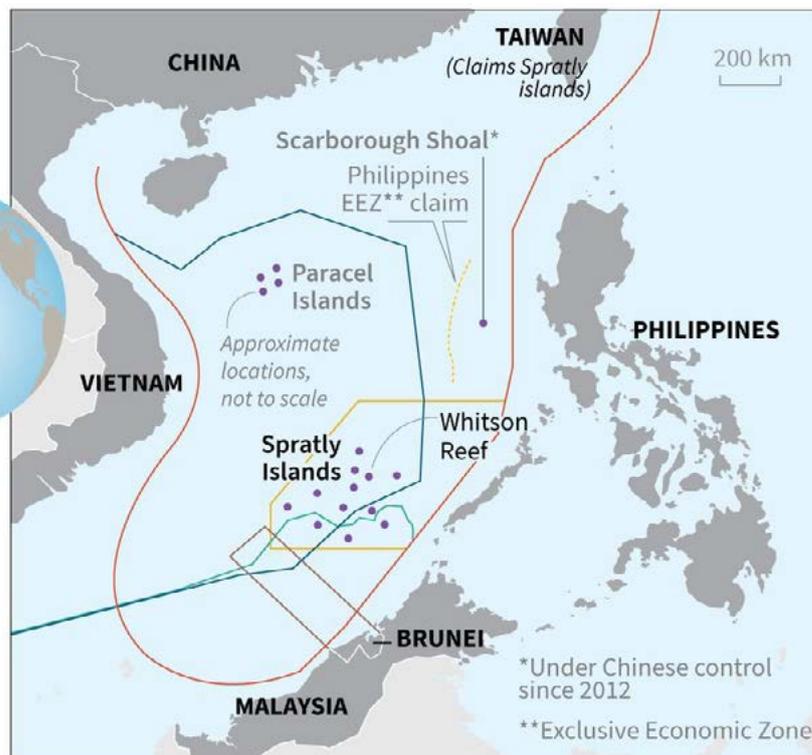
South China Sea covers more than 3 million sq km

Trade:

Over \$5 trillion in ship-borne trade passes through the sea annually

Oil and gas:

Major unexploited oil and gas deposits are believed to lie under the seabed



Sources: CSIS/AMTI/D. Rosenberg/MiddleburyCollege/HarvardAsiaQuarterly/Phil govt/ChinaMaritimeSafetyAdministration

CHINA X TAIWAN

A questão entre a China e Taiwan ocorre há mais de setenta anos e nunca houve conflito bélico. Os EUA, como potência hegemônica sempre permaneceram próximos aos dois lados. No entanto, essa nova escalada de

tensões pode ser diferente do passado, uma vez que a China já desenvolveu capacidade militar que, segundo os especialistas, pode permitir uma invasão à ilha nos próximos anos.

A China diz que Taiwan é seu território e sempre afirmou que a ilha seria recuperada em algum momento da história.

No entanto, recentemente, os Estados Unidos, a Austrália e o Reino Unido anunciaram o maior acordo histórico de segurança, conhecido

como "AUKUS". Esse pacto militar tem como principal objetivo conter o avanço da China, e permite, por exemplo, à Austrália construir submarinos de propulsão nuclear a partir da tecnologia americana. O acordo envolve, também, compartilhamento de conhecimento, vigilância e inteligência artificial.

Outro aspecto da tensão global é uma espécie de guerra fria tecnológica entre os EUA e a China. Os Estados Unidos vêm acusando a Huawei, empresa chinesa e maior fornecedora de equipamentos de telecomunicações do mundo, de instrumento de espionagem do governo chinês.

No entanto, os Estados Unidos não estão sozinhos nesse conflito. Países como

Reino Unido, França, Itália, Japão, Austrália e Nova Zelândia também baniram o uso de equipamentos da Huawei em seus territórios, de forma total ou parcial. Isso porque, em 2017, a China aprovou uma lei de segurança nacional que permite que o governo requisite dados de companhias privadas, caso seja importante para a soberania do país. Portanto, apesar de ser uma empresa privada, a Huawei está submetida a essa lei.

DESACELERAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

Os dois países que alavancaram os mercados globais, EUA e o Reino Unido, agora puxam o freio para novos ajustes, tanto nas cadeias globais de suprimento, quanto nas relações comerciais.

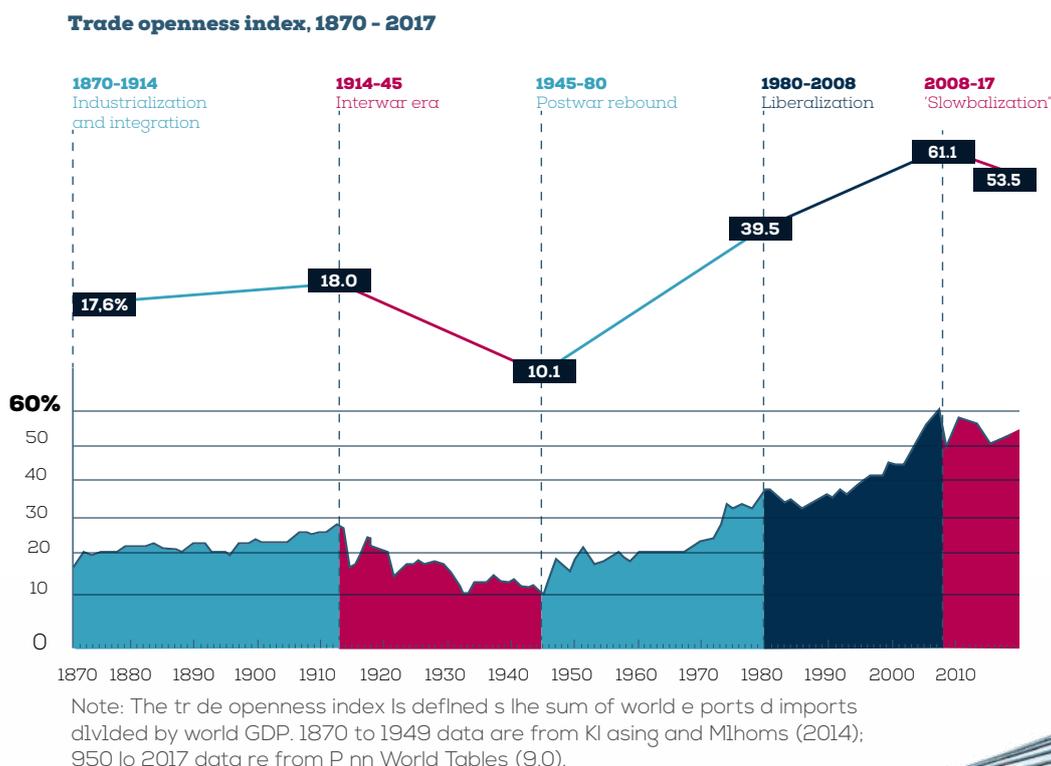
mundial a se afastar da integração econômica global. Os formuladores de políticas e os líderes empresariais estão agora questionando se as cadeias de suprimentos globais foram muito ampliadas”.

No estudo sobre o impacto da pandemia na globalização, intitulado “The Pandemic Adds Momentum to the Deglobalization Trend”, Douglas A. Irwin – do Peterson Institute for International Economics e professor de Economia de Dartmouth College – afirma que “a pandemia de Covid-19 está levando a economia

O autor demonstra que, embora a globalização compreenda diversos componentes distintos – como comércio internacional, investimentos, tecnologia, dados, ideia etc. –, o comércio global, medido pela proporção entre as exportações mundiais e o PIB mundial, é um proxy razoável para a integração econômica.

A figura abaixo revela cinco períodos da globalização moderna.

FIGURA 2 - A GLOBALIZAÇÃO ESTÁ EM DESACELERAÇÃO DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



SLOWBALIZATION

Conforme a figura que mostra o processo de globalização dividido em quatro eras, de acordo com os fluxos comerciais, pode ser percebido que, na quarta era, a intensidade da globalização parece ter atingido o pico, em 2008. Desde então, a relação comércio mundial/PIB caiu a partir da Grande Recessão.

Segundo Douglas A. Irwin, estamos agora em um quinto período histórico, às vezes chamado de "slowbalization". Embora o comércio tenha crescido mais rápido que a produção mundial, esse não é mais o caso. Em vez disso, o crescimento do comércio tem

sido anormalmente fraco nos últimos anos.

Mesmo antes da pandemia, vários fatores estavam reduzindo a globalização – os mais relevantes são observados na China, que, sob o comando do presidente Xi Jinping, começou a se voltar para dentro com políticas para promover o desenvolvimento de suas principais indústrias.

Por sua vez, os EUA ainda travam uma guerra comercial com a China, argumentando suas práticas comerciais desleais e reduzindo significativamente o comércio bilateral.

Agora, o processo de globalização pode ser ainda mais desacelerado, já que se confirmou a extrema dependência das indústrias com relação às cadeias globais de suprimento, sobretudo, daquelas localizadas na Ásia e, de forma especial, na China. Assim, quando o país entrou em bloqueio horizontal, verificou-se um choque de ofertas para as indústrias inseridas nas cadeias globais de suprimentos. Com a China recuperando a oferta, o mundo entra em choque de demanda.

Os impactos da Covid-19 nos principais setores inseridos nas cadeias globais de valor são produto da alta integração econômica, que levou autores a argumentar sobre a limitação de os Estados-nações regerem suas

economias e, por conseguinte, os fatores de bem-estar de suas populações. Não obstante, críticos desses processos há tempos argumentavam sobre suas fragilidades.

AGORA, AS FRONTEIRAS IMPORTAM

No artigo "How the Economy Will Look after the Coronavirus Pandemic", autores como Joseph Stiglitz – Prêmio Nobel de Economia em 2001 –, entre outros, tratam dos principais impactos econômicos e sociais da crise e seus efeitos futuros.

Joseph Stiglitz, que já escreveu uma extensa obra sobre a globalização, argumenta que a crise da Covid-19 tem sido um lembrete poderoso de que a unidade política e econômica básica ainda é o Estado-nação. Ao contrário de uma linha de pensamento que considera um mundo globalizado, em que as fronteiras não importam e que sempre poderíamos recorrer a outros países se algo acontecesse. Agora, as fronteiras de repente importam, à medida que os países se apegam, firmemente, a máscaras e equipamentos

médicos e lutam para obter suprimentos.

Assim mesmo, continua argumentando esse autor, para construir cadeias de suprimentos aparentemente eficientes, em todo o mundo há procura pelo produtor de menor custo entre os elos da cadeia. Mas essa é uma visão míope.

Foi construído um sistema que, claramente, não é resiliente, é insuficientemente diversificado e vulnerável a interrupções. A produção e distribuição just-in-time, com estoques baixos ou inexistentes, podem ser capazes de absorver pequenos problemas, mas agora vemos o sistema esmagado por uma perturbação inesperada.

Os dois principais gargalos, observados na saída da pandemia, que revelam a fragilidade do sistema global de produção se relacionam com a produção de chips e com o gargalo logístico - provocados pelo desarranjo nos posicionamentos finais dos contêineres, nos diversos portos do mundo, e pela consequente subida dos preços dos fretes marítimos.

DESLOCAMENTO DE PRODUÇÕES DE CHIP

Um bom exemplo para esse tema está no impacto na indústria automobilística, em relação aos semicondutores. Embora a produção não tenha caído – ao contrário, tem aumentado, sobretudo, nos equipamentos eletrônicos. No entanto, esperava-se que as ofertas fossem se estabilizar

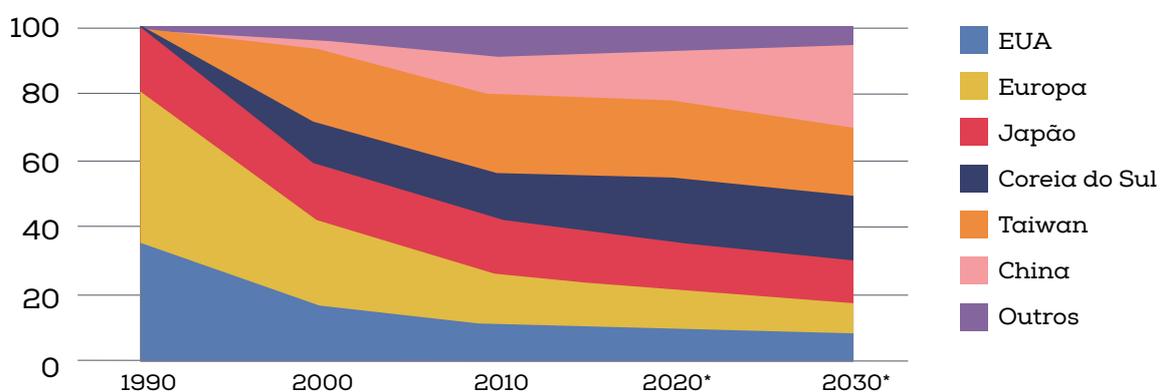
em seis meses, mas, provavelmente, isso deverá ocorrer em um ano e meio.

O gráfico abaixo demonstra o deslocamento da produção de semicondutores desde a década de noventa.

FIGURA 3 - DESLOCAMENTO DE PRODUÇÃO DE CHIP

MUDANÇA IMPORTANTE NA PRODUÇÃO DE CHIP

Produção global de semicondutores por localização (em porcentagem)



* Projeção

Fontes: Boston Consulting Group, Semiconductor Industry Association.

Fonte: Statista.

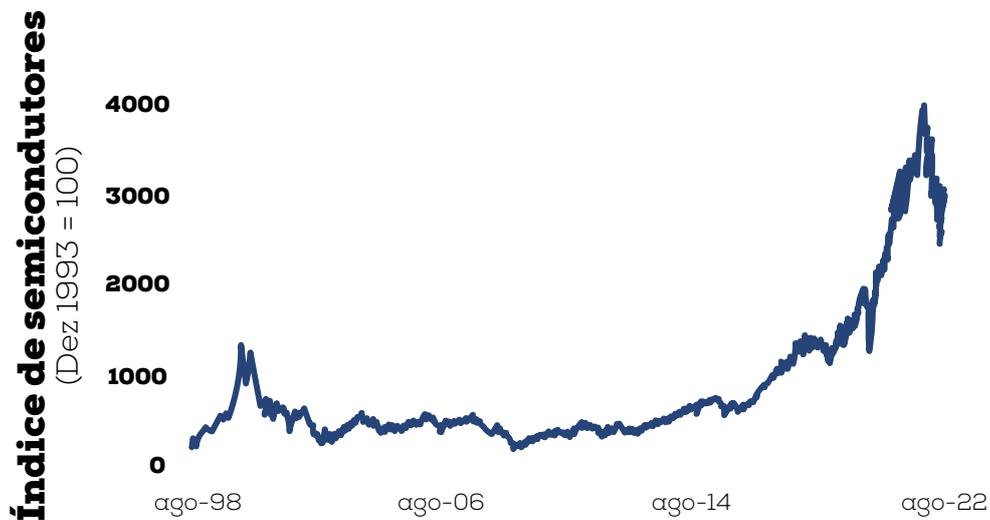
Na década de noventa, os EUA e a Europa produziam 80% dos semicondutores. Para 2030, as projeções são inversas, ou seja, a Ásia é quem passa a produzir 80% dos semicondutores utilizados pelas cadeias globais de valor. Por outro lado, deve ser observado que, para a produção de semicondutores, é utilizado o insumo de "terras raras" e existe uma grande concentração desse insumo na China. Portanto, existe um desbalanceamento da distribuição de insumos.

PRODUÇÃO DE SEMICONDUTORES

O gráfico abaixo apresenta a evolução do Philadelphia Stock Exchange Semiconductor Index. Embora tenha apontado para uma tendência

decrecente, se comparado com o ano passado, ainda permanece em patamares altos.

GRÁFICO 2 - ÍNDICE DE SEMICONDUTORES



Fonte Primária: Blommberg, Refinitiv.
Fonte Secundária; Banco Central.

Desbalanceamento da produção de semicondutores dentro da Ásia

Embora a China seja o maior exportador de produtos de tecnologia do mundo, não consegue os chips presentes nos eletrônicos que exportam. Portanto, é necessário importar de outros países.

Taiwan concentra mais de 60% da receita desse mercado e, quando se trata de semicondutores mais avançados, como os utilizados em inteligência artificial, Taiwan detém 90% da produção mundial.

A situação se agrava para a China por conta dos EUA terem proibido as empresas chinesas de comprar chips americanos. Isso levou o país asiático a uma corrida desesperada por chips estrangeiros. Alguns especialistas acreditam que essa condição gera um "Escudo de Proteção", com o qual Taiwan se protege da China.

GARGALO LOGÍSTICO

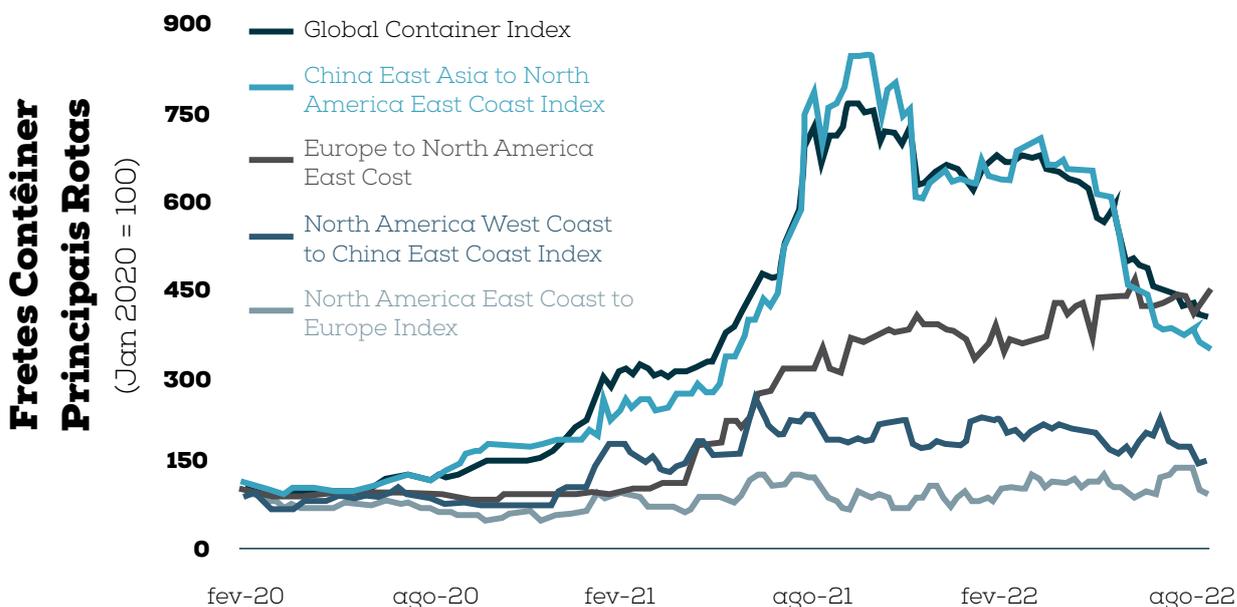
Já vimos, também no documento do ano passado, que a retomada da atividade econômica global foi forte e demandou à logística uma igual intensidade.

Assim como vimos, durante o processo de combate à pandemia, os países adotaram diversas e distintas medidas que afetaram não somente a produção, como a operação dos principais portos do mundo.

Com isso, na retomada econômica, os contêineres estão espalhados pelos diversos portos do mundo sem nenhuma lógica subjacente de otimização de carregamento. Como resultado, são gerados grandes congestionamentos, interrompendo o fluxo logístico e interferindo nos preços dos fretes em escala global.

A consolidação da variação desses preços pode ser observada no gráfico abaixo.

GRÁFICO 3 - VARIAÇÃO DE PREÇOS DE FRETES INTERNACIONAIS



Fonte Primária: Bloomberg, Refinitiv; Fonte Secundária: Banco Central do Brasil.

Embora os preços dos fretes tenham atingido seu máximo em agosto de 2021, permaneceram em patamares altos no mesmo período de 2022, se comparados com os preços praticados antes da pandemia. Cerca de 80% do fluxo de mercadorias global é transportado pelo mar. O impacto sobre os preços dos produtos ao consumidor tem sido relevante em todo o mundo.

NOVA ROTA DA SEDA

Nova Rota da Seda é uma enorme malha de conexões de infraestrutura, transporte de produtos e intercâmbio de tecnologia. Os critérios para a formação dessa malha são os países que fazem fronteira com

China, sejam banhados pelo Oceano Pacífico ou que fiquem no caminho por terra para o Ocidente.

A figura abaixo demonstra o traçado da Nova Rota da Seda.

FIGURA 4 - NOVA ROTA DA SEDA



Fonte: BH: Marketing e Tecnologia.

O governo chinês está construindo redes com esmero e determinação para dispor de mais conexões, com minérios e fontes de energia, e ampliar o acesso a cidades, portos e oceanos. A crescente preocupação do ocidente com a China não surpreende, uma

nova rede chinesa está em construção estendendo-se pelo globo. Os imensos recursos que estão sendo colocados no enfoque One Belt One Road, proposto por Xi Jinping em 2013, sugere fortemente o que a China está planejando para o futuro.

A questão central, agora, está em dimensionar o impacto da nova dinâmica da geopolítica global em resposta aos fatores já relatados, combinados com a desaceleração da China. Os fluxos de capitais de investimentos emitem sinais de reposicionamento e dúvidas em relação à capacidade da própria China em responder aos atuais desafios, que também começam a aparecer, sobretudo, pela sua desaceleração econômica – já observada.

INFLAÇÃO GLOBAL

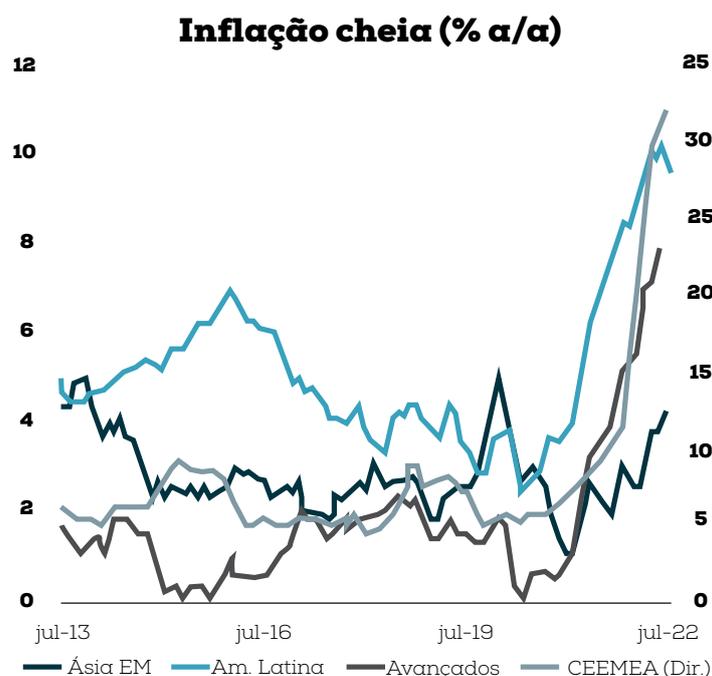
Vale lembrar de uma hipótese sobre a inflação global que considerava que a alta de preços ocorreria por conta da forte demanda da retomada da economia e, posteriormente, em um tempo curto, os preços se estabilizariam. Isso porque na pandemia a inflação ocorreu, primeiramente, em bens.

Como os preços de serviços são mais rígidos, é esperado que, após a reabertura da economia, os serviços demorem mais a aumentar preços, ao passo que os preços de bens se estabilizem.

Ocorre que, ao requerer bens, as demandas de energia e fretes aumentaram e, pelos motivos já expostos, os tempos de entrega de vários componentes não se regularizaram em curto prazo. Adicionou-se a esse cenário a subida de preços de energia, provocada pela guerra na Ucrânia.

Essa elevação da inflação ocorre de forma global, conforme pode ser visto nos gráficos abaixo, sobre as economias avançadas e emergentes.

GRÁFICO 4 - VARIAÇÃO DA INFLAÇÃO GLOBAL*



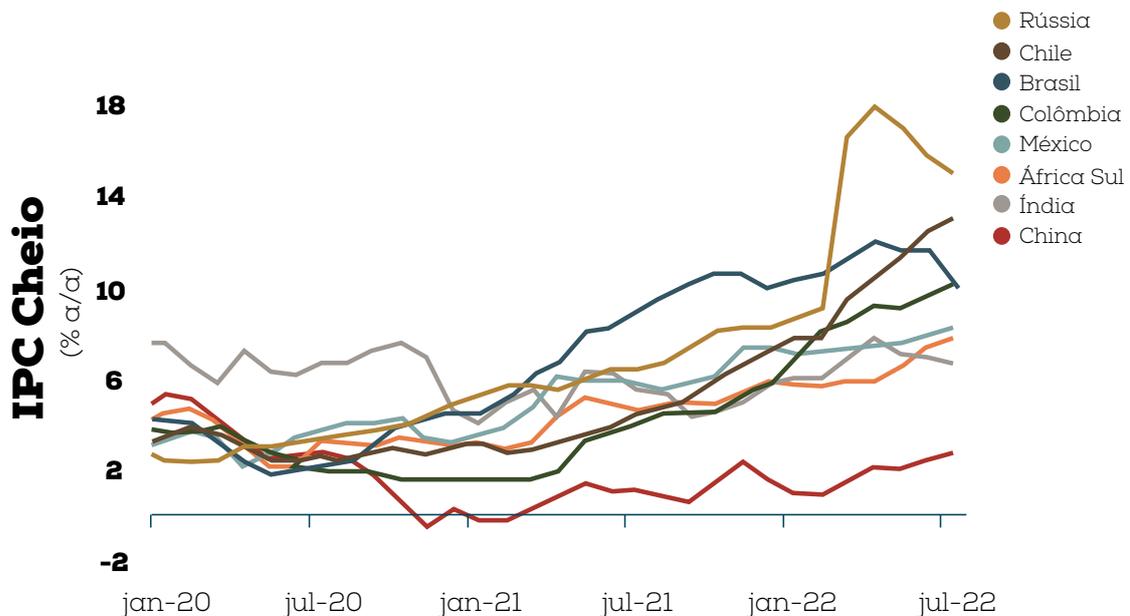
FI, CA, US, JP, CEEMEA (Europa Central e Oriental, Oriente Médio)

*Fonte Secundária: Banco Central do Brasil - BCB.

INFLAÇÃO NAS ECONOMIAS EMERGENTES

Da mesma forma, os países emergentes seguem com a subida da inflação.

GRÁFICO 5 - VARIAÇÃO DA INFLAÇÃO NAS ECONOMIAS EMERGENTES



Fonte Primária: Bloomberg.
Fonte Secundária: Banco Central.

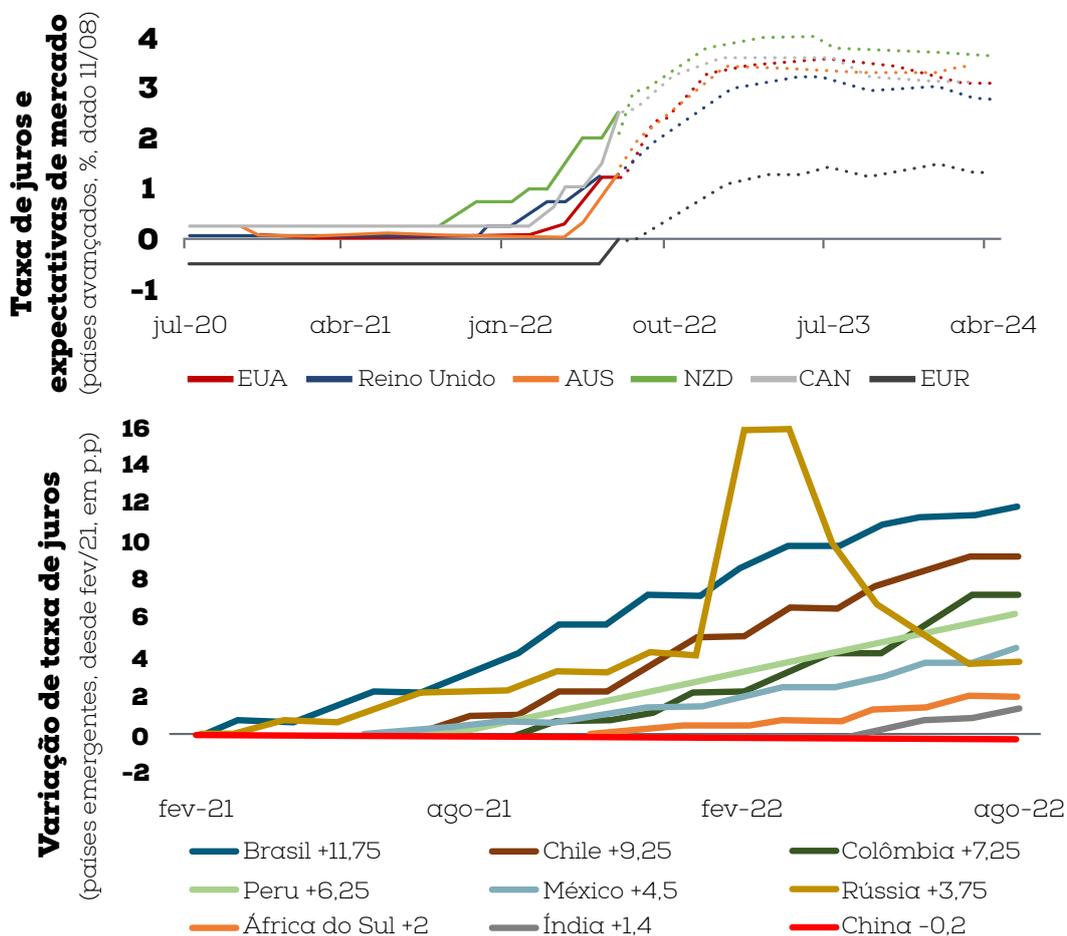
De uma maneira geral, essas subidas de preços estão correlacionadas ao aumento dos custos de energia e alimentos. Por exemplo: a inflação no Reino Unido doze meses acima de 15%, algo nunca visto anteriormente e que explica a dificuldade dos países europeus em lidar com uma inflação nesses níveis.

Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central do Brasil, argumenta o fato do mercado entender que, nas economias avançadas, poderia ocorrer a adoção de políticas monetárias e a consequente redução contínua da inflação. No entanto, ele observa que

isso deverá ocorrer em dois tempos: no primeiro, haverá um ajuste nos preços da energia e dos alimentos, o que fará com que a inflação diminua de 9% para 5%; no segundo momento, terá que ocorrer outra luta para reduzi-la para algo entre 2% e 3%.

POLÍTICA MONETÁRIA

GRÁFICO 6 - POLÍTICA MONETÁRIA PAÍSES AVANÇADOS E EMERGENTES



Fonte Primária: Bloomberg; IBGE.

Fonte Secundária: Banco Central do Brasil : Apresentação RCN_Mil - Cenário Econômico.

Os governos ao redor do mundo têm adotado medidas de compensação da inflação de diferentes formas e gastam, em média, entre 1,5% e 2% do PIB com

as medidas de enfrentamento. De forma especial, os EUA seguem adiante com a alta de juros para acelerar a convergência.

Os mercados entendem que os Bancos Centrais continuarão com a alta de juros. Nesse aspecto, vale observar que o Brasil antecipou a política monetária e o trabalho já está realizado. Portanto, espera-se uma queda de juros para os próximos meses, embora o Banco Central já tenha alertado que tem o propósito de convergir a inflação e continuar com a política monetária necessária.



**PANORAMA
E PERSPECTIVA
BRASIL**

PARTE 2

OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

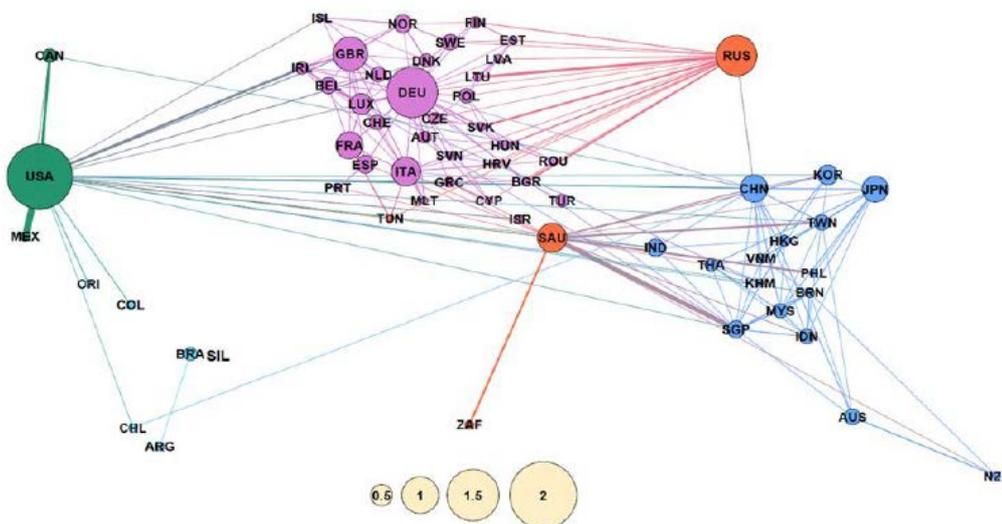
O Brasil não está devidamente inserido nas cadeias globais de valor. No início da década de 1990, a economia brasileira era relativamente fechada e a participação do Brasil no comércio mundial, tal como a China, representava algo em torno de 1%. Segundo relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em 2014, o Brasil participava com 1,4% do comércio mundial total, isso significa menos da metade de sua participação no PIB mundial, na ordem de 3%.

Em contrapartida, no mesmo período, a China representava 10% desse comércio global. Significa também que, diferentemente das expectativas, depois da abertura do comércio internacional, a taxa de crescimento não deslanchou, como também o mercado interno cresceu lentamente, comparativamente com o resto do mundo.

A figura abaixo demonstra, claramente, a desconexão do Brasil das cadeias globais de valor.

FIGURA 5 - O BRASIL NA PERIFERIA DAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

Mapa das cadeias globais de valor



Nota: Um círculo maior reflete uma economia cujos setores participam mais em cadeias globais de valor.
Fontes: Secundária - Foro Econômico Mundial; Primária - Criscuolo e Timmins 2017.

Como pode ser observado na figura, diferentemente do Brasil, a Ásia se inseriu nas cadeias globais de valor e a globalização, nesse período de rápido avanço, gerou milhões de empregos. De forma mais específica, a China e a Índia foram beneficiadas por essa inserção – algo nítido no crescimento significativo de suas economias.

O BRASIL E AS CADEIAS GLOBAIS DE PRODUÇÃO

O Brasil está na periferia das cadeias globais

Embora o processo de globalização venha arrefecendo e seja ainda mais reforçado pela crise da Covid-19, o Brasil, tal como vem fazendo por meio de novos acordos comerciais,

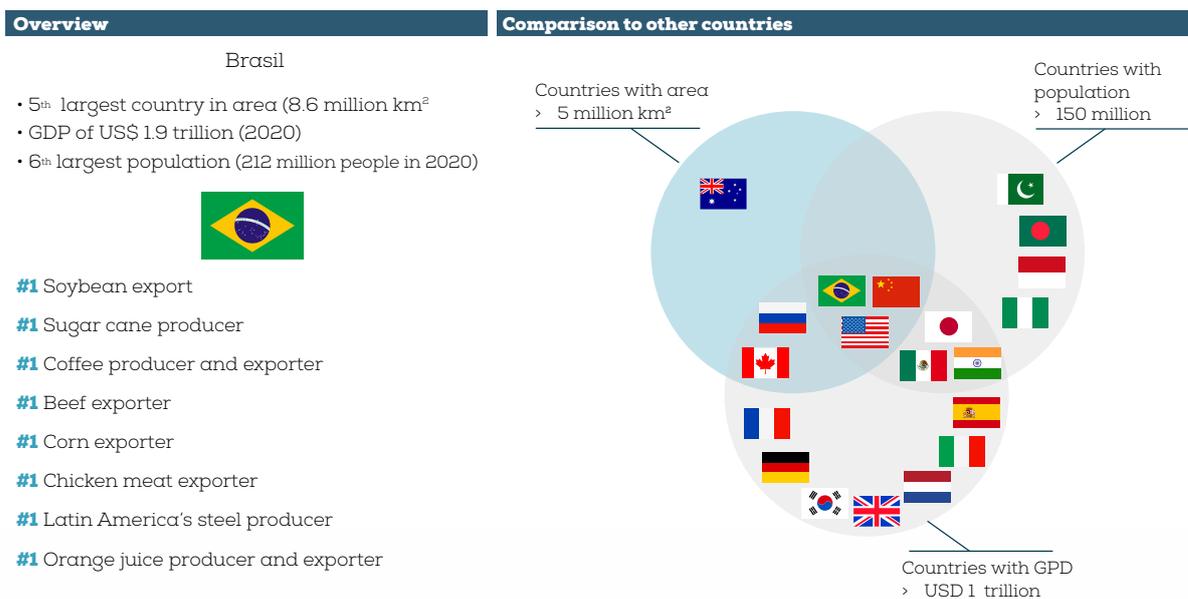
precisa intensificar seus mecanismos de inserção nas cadeias globais de produção como parte do projeto de retomada do crescimento pós-crise.

As oportunidades geradas para o Brasil, por conta da dinâmica geopolítica global, são reveladas por várias dimensões que privilegiam a inserção do país na cadeia global de produção e, simultaneamente, uma reindustrialização baseada em novos padrões de desenvolvimento.

No âmbito geral, se considerarmos a interseção de três características, tais como dimensões continentais, população acima de duzentos milhões de pessoas e PIB

superior a um trilhão de dólares, encontraremos três países: EUA, China e Brasil. Conforme pode ser observado na figura a seguir.

GRÁFICO 7 - COMPARAÇÃO COM OUTROS PAÍSES - DIMENSÕES TERRITORIAIS, POPULAÇÃO E PIB



O BRASIL E A EXPANSÃO DE EMPRESAS GLOBAIS

Nenhuma empresa global dispensa o Brasil em suas premissas de expansão. O país já oferecia grandes oportunidades de investimentos em áreas atrativas ao mercado e ocupadas pelo Estado. Isso explica o sucesso nos programas de privatização e concessões conduzidos pelo Governo Federal e, em alguns casos, pelos estados. Esse êxito se deve à atratividade dos projetos, juntamente com as mudanças nos marcos regulatórios.

Um exemplo disso está no setor de saneamento. Sabe-se que não se trata de um setor de fácil modelagem, pois envolve o princípio da universalização combinado com grande disparidade de potencial de mercado, consideradas as concentrações urbanas e fragmentações de municípios presentes nos estados brasileiros.

Por esse motivo, esse setor vem sendo estudado e modelado há muito tempo. Os dois primeiros processos – ocorridos no Rio de Janeiro e em Alagoas – apontam a assertividade das modelagens e a atratividade do setor.

Nessa perspectiva, as empresas visam o Brasil como uma grande oportunidade de investimento, muito voltada para o mercado interno. Ocorre que, tal como vimos, a dinâmica da geopolítica global sofreu o forte impacto da recente pandemia, com choques de oferta e de demanda e um profundo desarranjo nos modais logísticos – de forma especial o marítimo, com consequente subida de preços e impacto na inflação global. Mais que isso, revelou a fragilidade das cadeias de suprimento globais frente às adversidades apresentadas.

A Guerra na Ucrânia, exatamente no momento de retomada da economia global, gera um impacto combinado que acelera o repensar sobre o tema e abre possibilidades para um novo arranjo dessas cadeias globais de produção. Nesse contexto, o Brasil apresenta vantagens comparativas que vão ao encontro desses anseios atuais. Quais sejam:

- Segurança nas fronteiras e alinhamento global;
- Segurança energética;
- Segurança alimentar;
- Segurança institucional.

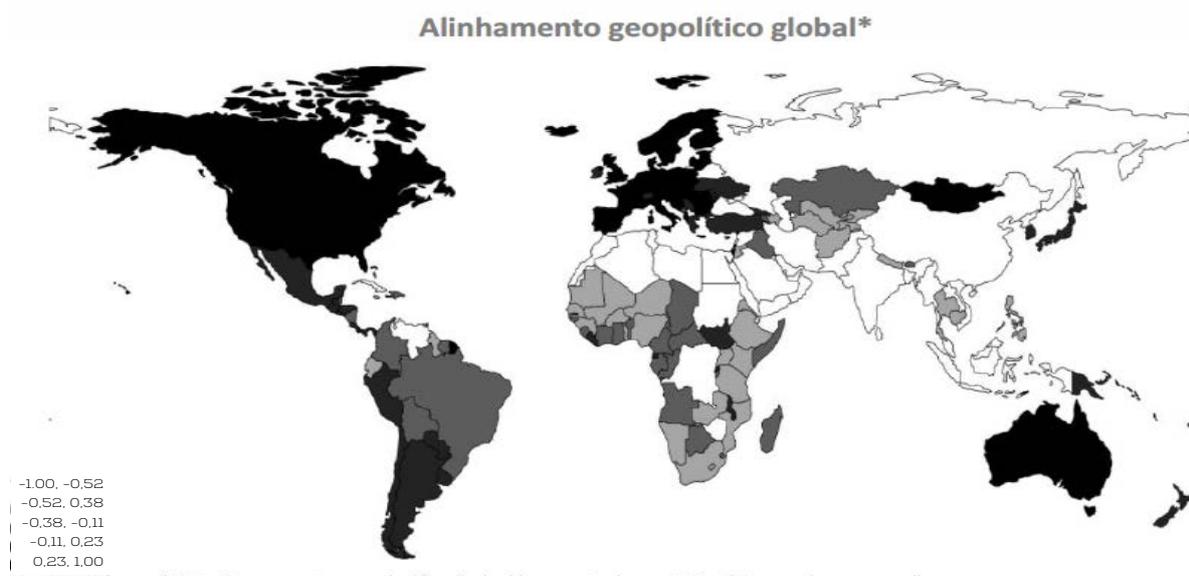
SEGURANÇA NAS FRONTEIRAS E ALINHAMENTO GEOPOLÍTICO GLOBAL

O Brasil é um país pacífico internamente, nas relações com seus vizinhos e nas demais relações internacionais. Se observamos os pontos de tensões globais já relatados – em áreas como o Mar do Sul da China, Taiwan, assim como a atual Guerra na Ucrânia –, não é difícil perceber que uma parte significativa da rota de comércio mundial, associada às cadeias globais de produção, encontra-se exatamente no centro dos conflitos. Por outro lado, o Novo Cinturão da Seda concebido pela China envolve a conexão com a área conflagrada da Rússia e da Ucrânia como um

componente vital para a sua composição e funcionalidade.

Parece claro que um movimento de reconfiguração das cadeias globais de produção se apresenta não só como crível, mas também de natureza urgente. É nessa linha que deve ser considerada a posição atual do Brasil nas relações contemporâneas. O país se encontra em uma dinâmica de equilíbrio quando relacionado com os dois grandes eixos competitivos, liderados pelos EUA e pela China, conforme pode ser observado no mapa abaixo.

GRÁFICO 8 - ALINHAMENTO GEOPOLÍTICO GLOBAL



* Nota: O mapa mostra uma classificação dos blocos centrados em EUA e China, com base na semelhança de votos na Assembleia Geral das Nações Unidas. O índice de semelhança varia de -1 (maior alinhamento à China) a 1 (maior alinhamento aos EUA).

Fonte: Primária – Góes, C. and E. Bekkers, "The impact of geopolitical conflicts on trade, growth, and innovation: An illustrative simulation study", VoxEU, 2022.

OS NOVOS TERMOS DAS RELAÇÕES GEOPOLÍTICAS

Em estudo realizado pelos autores Góes e Bekkers (2022), intitulado “The impact of geopolitical conflicts on trade, growth, and innovation: An illustrative simulation study”, é apresentada a classificação dos países de acordo com o alinhamento aos EUA e China. Trata-se, portanto, de uma nova configuração geopolítica distinta da atual, que emergiu pós segunda guerra mundial e moldou todo o processo de globalização já aqui relatado. Nesse contexto, novos termos são incorporados à gramática das relações geopolíticas.

Sabe-se que um dos efeitos do funcionamento das cadeias globais é, exatamente, a redução de custos e uma maior eficiência operacional. Na saída da pandemia já ficava claro que essa

eficiência deveria ser relativizada a favor da redução de riscos de suprimentos.

Esse movimento foi denominado “resiliência”, termo já empregado no âmbito das organizações que deriva para as relações globais. Emprestado da física – de forma especial, dos estudos sobre a resistência dos materiais –, esse termo revela a capacidade de determinado material deformar e voltar a sua configuração anterior, sem perder as características essenciais. Dessa maneira, uma determinada volta à posição original, vis-à-vis aos problemas potencializados pela pandemia, já se apresentava como algo necessário em alguma medida.

Outros termos incorporados são “nearshore” e “near friend”. Por exemplo, sob o ponto de vista dos EUA, torna-se absolutamente essencial que as cadeias de produção fiquem mais próximas das suas fronteiras – não somente por conta dos gargalos logísticos, mas, sobretudo, pelas questões de segurança, tais como já vimos nas tensões globais.

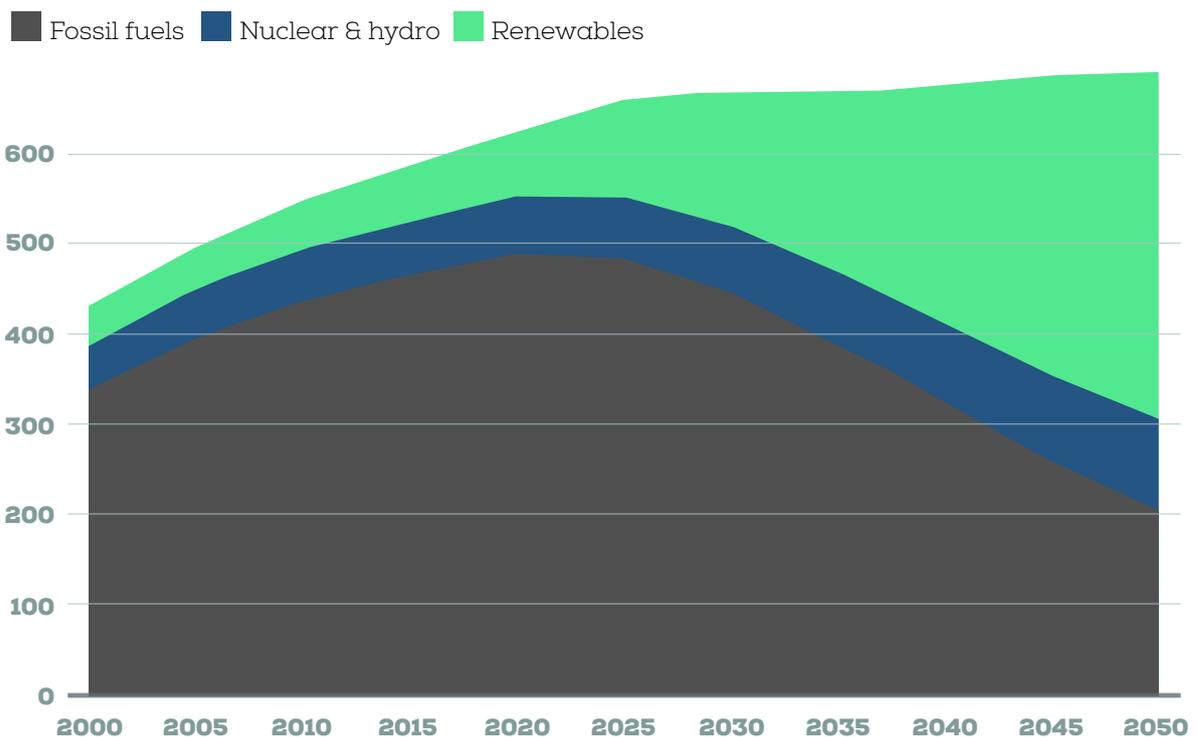
SEGURANÇA ENERGÉTICA

A segurança energética se relaciona com a disponibilidade de energia atual e futura, com os custos de produção e comercialização, e com a diversificação e qualidade das fontes energéticas derivadas dos padrões de sustentabilidade requeridos da matriz energética. E, por fim, com a estabilidade institucional do país, para fins de redução dos custos de

transação e garantias de suprimentos.

Consideradas essas exigências, as projeções para a transição da matriz energética mundial já seguiam, relativamente, aceleradas, conforme pode ser observado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 9 - CENÁRIO ENERGÉTICO 2050



Fonte Primária: BP Energy Outlook, 2022, Accelerated scenario. Fonte Secundária: Apresentação Prof. Armando Cavanha - FDC.

A insegurança energética, atualmente enfrentada pela Europa frente às consequências da Guerra na Ucrânia, provocam dois movimentos que alteram essa configuração: a aceleração da transição energética e o uso imediato de mais energias fósseis.

O BRASIL POSSUI UMA DAS MELHORES MATRIZES ENERGÉTICAS DO MUNDO

Embora não exista consenso quanto à intensidade de aceleração da transição de matriz energética, parece claro que será rápida em dimensões impensáveis para tempos anteriores ao conflito. Por outro lado, deve ser considerado que ocorrerá um conjunto de

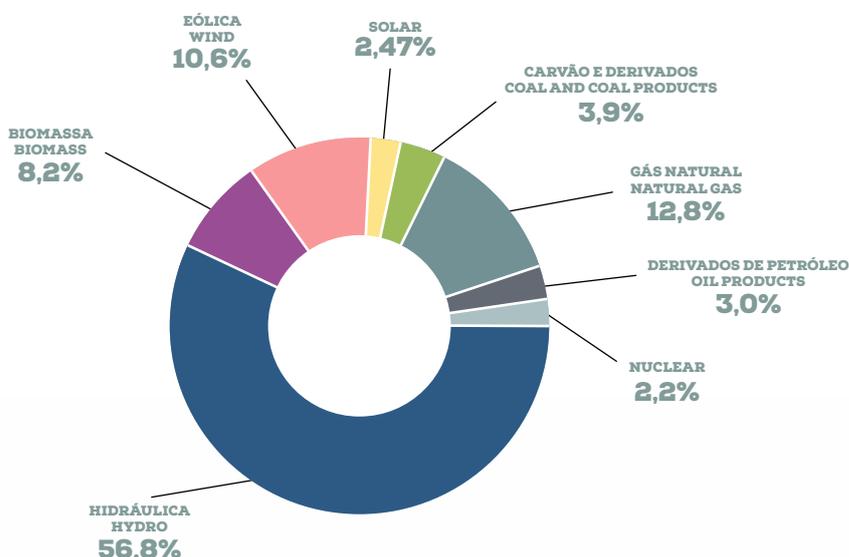
concessões à utilização de energias fósseis para fins de equilíbrio na oferta de energia para muitos países europeus. De forma significativa para a Alemanha, que já considera a utilização do carvão para ampliação da oferta.

Para além dos aspectos inflacionários já comentados, isso implicará na própria aceleração da transição energética, assim como no mercado de créditos de carbono, por conta dos débitos de carbono gerados na Europa no período de conflito e transição.

Dado esse contexto, o Brasil já possui uma das melhores matrizes energéticas do mundo por suas características renováveis. Além disso, apresenta um imenso potencial para as energias limpas. Segundo a Secretaria de Planejamento e

Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia, com dados de 2020, a matriz elétrica brasileira é composta em 83% por fontes renováveis. No gráfico abaixo pode ser observada essa composição.

GRÁFICO 10 - MATRIZ ELÉTRICA BRASILEIRA



Notas / Notes:

1. Inclui gás de coqueria / Includes coke oven gas;
2. Inclui importação de eletricidade / Includes electricity imports;
3. Inclui lenha, bagaço de cana, lixívia e outras recuperações / Includes firewood, sugarcane bagasse, black-liquor and other primary sources.

Fonte: Ministério de Minas e Energia; EPE – Empresa de Pesquisa Energética – Balanço Energético Nacional 2022.

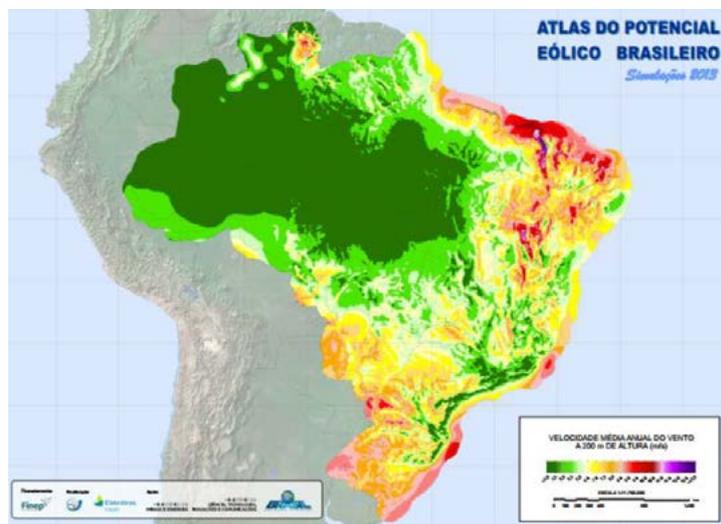
O PROTAGONISMO DO BRASIL NO CENÁRIO ENERGÉTICO

O impulso dessa matriz, em relação às energias limpas, encontram no Brasil uma das melhores condições, comparadas a outras economias relevantes no mundo.

No que diz respeito à energia eólica, segundo a Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), o país tem potencial de geração de energia eólica da ordem de 500 gigawatts (GW), considerando-se apenas a geração onshore. Isso significa uma quantidade suficiente para atender o triplo da demanda atual de energia do país (dados de 2013).

Nas figuras abaixo estão representadas a geração de energia eólica - onshore e offshore.

FIGURA 6 - POTENCIAL EÓLICO BRASILEIRO - ONSHORE



Fonte Primária: Atlas Eólico Brasileiro 2013.
 Fonte Secundária: Associação Brasileira de Energia Eólica.

FIGURA 7 - POTENCIAL EÓLICO BRASILEIRO - OFFSHORE



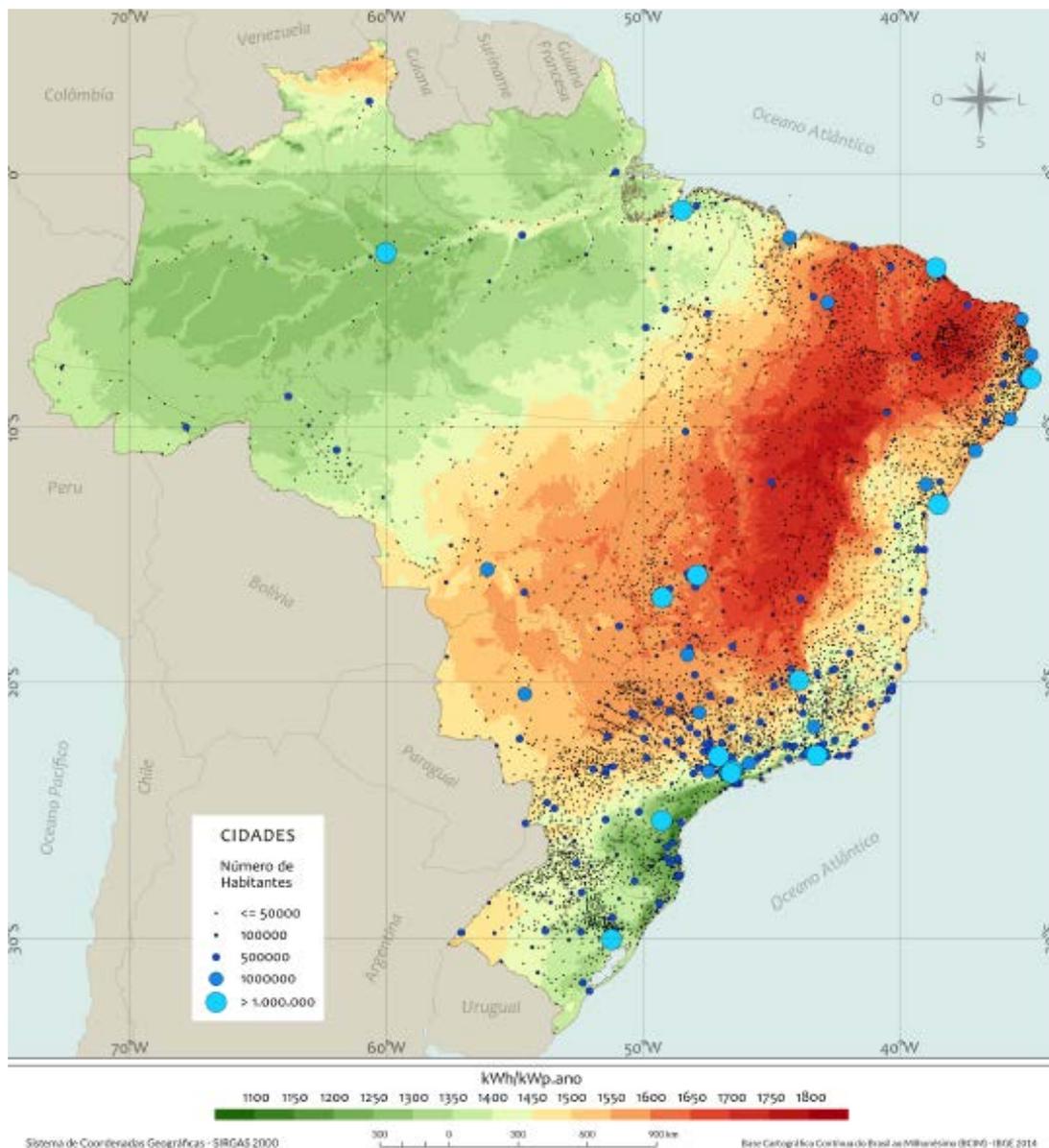
Fonte Primária: Roadmap Eólico Offshore Brasil - EPE; Fonte Secundária: Associação Brasileira de Energia Eólica.

É possível observar o potencial offshore na ordem de 700 GW, o que indica que as possibilidades são enormes, ainda mais se forem combinadas com o potencial da energia solar.

POTENCIAL BRASILEIRO DE GERAÇÃO SOLAR FOTOVOLTAICA

A figura abaixo apresenta o potencial de geração solar fotovoltaica e os rendimentos energéticos atuais.

FIGURA 8 - POTENCIAL DE GERAÇÃO SOLAR FOTOVOLTAICA E RENDIMENTO ENERGÉTICO ANUAL



Mapa do potencial de geração solar fotovoltaica em termos do rendimento energético anual para todo o Brasil (medido em kWh/kWp.ano no perfil de cores), admitindo uma taxa de desempenho de 80% para geradores fotovoltaicos fixos e distribuição da população brasileira nas cidades.

Fonte: Atlas Brasileiro de Energia Solar - 2ª Edição - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE.

OPORTUNIDADE DE TRANSFORMAR A REALIDADE SOCIOECONÔMICA DO NORDESTE BRASILEIRO

Nas considerações finais do Atlas Brasileiro de Energia Solar, os autores relatam sobre o imenso potencial da energia solar do Brasil e se remetem ao livro "Poder dos Trópicos", de Vasconcellos e Vidal, que de forma antecipada, em 1998, já afirmava que "somos a maior nação solar do planeta. Nenhum outro país detém tanta água doce – a contrapartida da energia solar para a formação dos hidratos de carbono, ou seja, da biomassa".

Os autores do Atlas afirmam que tal cenário otimista decorre do fato do Brasil possuir, além da abundância da energia radiante do sol, uma enorme extensão de áreas degradadas ou de baixo valor econômico para a implantação de projetos de geração elétrica empregando tecnologia solar, assim como um sistema elétrico nacional interligado a um conjunto de hidrelétricas.

Ainda de acordo com os referidos nomes, "outro grande diferencial está alicerçado na possibilidade de transformação socioeconômica da população de baixa renda do semiárido nordestino, através da micro e mini geração fotovoltaica distribuída e da aplicação da tecnologia solar para a dessalinização e bombeamento de água, que podem se transformar em realidade através de novas políticas públicas para a promoção do desenvolvimento econômico regional e inclusão social."



SÍNTESE DO POTENCIAL BRASILEIRO

A combinação entre a geração de energia limpa e a produção de hidrogênio verde

A energia limpa é essencial para a descarbonização, pois pode ser inserida na siderurgia e nos modais de transporte. Como vimos, o plano de transição energética da Europa considera essa energia estratégica e incentiva sua produção. No entanto, considerando-se a demanda por ano até 2030, a Europa somente será capaz de produzir a metade das necessidades registradas no plano. Isso abre uma grande perspectiva para o Brasil e o insere, dentre outras características já relatadas, no contexto da segurança energética global.

Sabemos que a indústria brasileira já foi responsável por 20% do PIB e, hoje, representa 11%. Há muito tempo existe a demanda pela reindustrialização do Brasil. Assim mesmo, sabe-se que as empresas que se instalam no Brasil focam no tamanho do mercado interno.

Agora, veremos indústrias serem instaladas para participar da cadeia global de produção. Surge, assim, uma grande oportunidade de reindustrialização dentro dos padrões tecnológicos requeridos – utilizando uma energia renovável e limpa.

Os impactos vão além da reindustrialização

A aceleração do mercado de carbono se configura como um dos importantes efeitos dessa transição energética mais acelerada. O recente estudo realizado pela Câmara de Comércio Internacional (ICC Brasil), juntamente com a consultoria WayCarbon,

denominado “Oportunidades para o Brasil em Mercado de Carbono”, aponta que dos atuais 12% de participação na oferta global de crédito de carbono, o Brasil tem potencial de atender até 48,7% de toda a demanda desse mercado até 2030.

AJUSTES NA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL ANUNCIADOS PELO MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Embora já fosse robusta, na legislação ambiental brasileira não havia os incentivos econômicos. Foi necessário, portanto, a incorporação de uma série de mecanismos, entre outros, para os créditos de carbono. A norma anuncia, ainda, a troca de experiências

entre Brasil, Indonésia e Índia, juntamente com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), para a construção de um sistema em três pilares para a economia ambiental do futuro, que são:

- Tributar a poluição;
- Estimular a inovação;
- Recompensar a preservação dos recursos naturais (o mais importante para os três países), que significa pagar pelos serviços ambientais.

Para tanto, estima-se que de um fluxo de 100 bilhões de dólares por ano, o Brasil pode receber entre 15% e 20% desse montante a título de compensação pela preservação das florestas naturais.

Nordeste brasileiro

A região nordeste já desponta como uma grande produtora de energias renováveis e um potencial polo de reindustrialização, dada sua disponibilidade energética e posição privilegiada, visando os mercados globais. Nessa mesma linha, a região do semiárido pode passar por uma revolução na combinação entre

a capacidade de geração de energia solar e eólica e as possibilidades de produção agrícola para exportação, tal como já existe em Petrolina. O agricultor familiar, assim como as extensas áreas, podem se beneficiar da geração de energia solar, conforme registrado no Atlas de Energia Solar.

Estamos diante de uma grande oportunidade de isenções nas cadeias globais de produção com bases asseguradas pela matriz energética e distribuídas nas diversas regiões, sobretudo no Nordeste. Surge, portanto, uma oportunidade singular para o Brasil. À medida que estabelece novos padrões de desenvolvimento sustentável, nos aspectos ambientais e energéticos, o país pode avançar para determinar novos padrões de desenvolvimento regional, reduzindo as desigualdades e gerando oportunidades.

SEGURANÇA ALIMENTAR

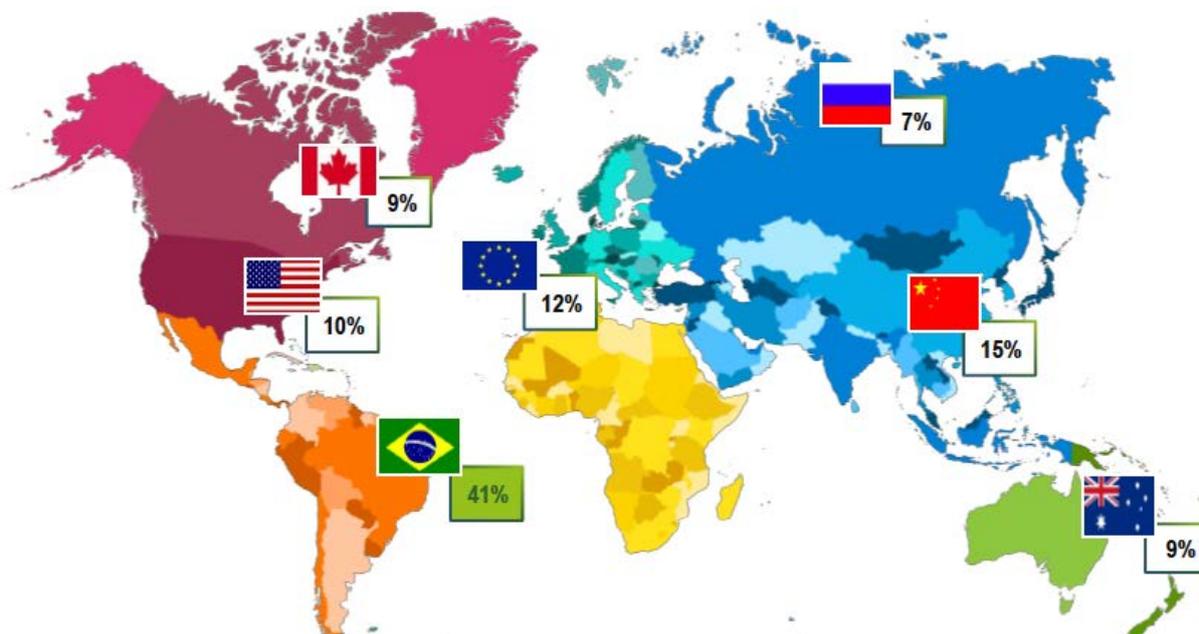
Como vimos, um dos efeitos da Guerra na Ucrânia é o impacto na segurança alimentar global. Também vimos que o Brasil é responsável pela segurança alimentar de mais

de um bilhão de pessoas mundialmente. O mundo deverá aumentar a produção de alimentos para atender ao crescimento da demanda até 2026/2027.

O Brasil é o país que mais ampliará a produção, com previsão de aumento de 41% no período, segundo relatório da USDA Agricultural Projections to 2026 Long-term Projections.

Conforme pode ser observado na figura a seguir.

FIGURA 9 - PROJEÇÃO PARA O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNDIAL



Fonte Primária: United States Department of Agriculture - SDA, USDA Agricultural Projections to 2026. Longterm Projections Report No. OCE-2017-1. Fev. 2017.

Fonte Secundária: Apresentação Prof. José Rossato - FDC.

RELATÓRIO SOBRE O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO NO BRASIL

O documento da USDA Agricultural Projections to 2026 Long-term Projections diz que "as exportações anuais de milho do Brasil mais que triplicaram na última década e atingiram uma média de 24,5 milhões de toneladas nos últimos 5 anos.

A produção de milho safrinha após a soja, em grande parte do Centro-Oeste, continua com expansão para novas áreas de cultivo. Essa região em crescimento encontra-se em uma localização precária para a demanda interna, de modo que a produção do milho safrinha tende a ser exportada; também,

a safra é colhida quando a capacidade do porto não é limitada e ocupada pelos embarques de soja.

Durante os últimos anos do período de projeção, as exportações aumentam, refletindo maior área e rendimentos de milho, melhoria da infraestrutura de exportação e aumento moderado dos preços mundiais. Há um aumento de 40% nas exportações, indo para 37,9 milhões de toneladas em 2026/27."

Desse crescimento, vale observar a nova fronteira agrícola brasileira, denominada "MATOPIBA" – fazendo referência à área formada pelas confluências dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia –, que já vem causando grande impacto na produção do país, assim como no crescimento do PIB dos estados, notadamente o do Maranhão e o do Piauí.

SEGURANÇA INSTITUCIONAL

Em linhas gerais as condições para uma segurança institucional são as seguintes:

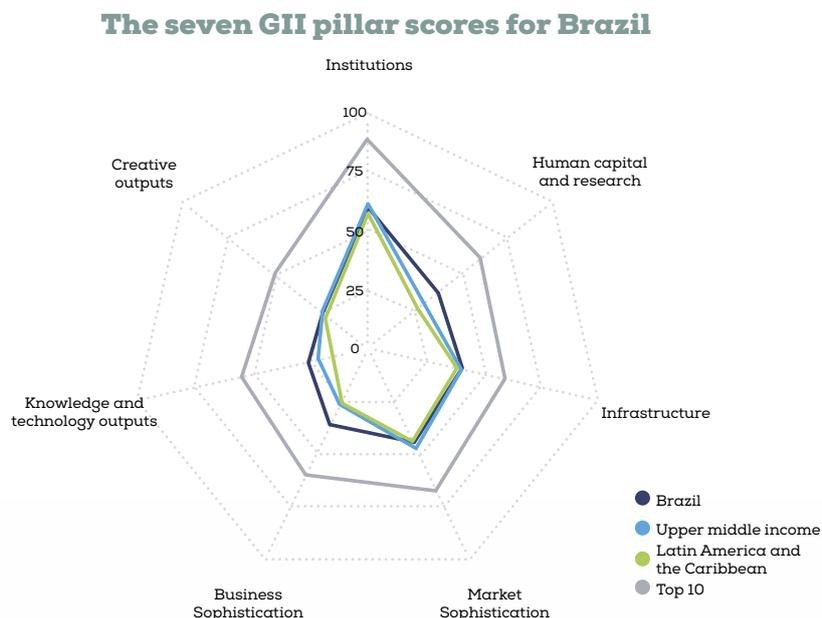
- Liberdade para os mercados funcionarem;
- Baixos custos de transação e de produção;
- Impostos baixos;
- Segurança jurídica;
- Direito de propriedade.

Dessas condições, aparecemos em pior situação quanto aos impostos e custos de transação. Na liberdade para os mercados funcionarem, avançamos com relativa intensidade, sobretudo, se considerarmos as recentes

alterações nos marcos regulatórios em vários setores. Em relação à segurança jurídica relativa às concessões e parcerias, parece não haver grandes problemas, assim como no direito de propriedade.

Por outro lado, estudos do Global Innovation Index de 2021, publicado pela Fundação Dom Cabral - FDC e realizado em conjunto com IMD, revelam as características que devem ser observadas para fins de enquadramento do estágio institucional do país, cujo resultado para o Brasil está apresentado no seguinte gráfico:

FIGURA 10 - THE SEVEN GII PILLAR SCORES FOR BRAZIL



Fonte Primária: Global Innovation Index de 2021.

Fonte Secundária: Apresentação do Prof. Carlos Arruda - FDC.

OS DESAFIOS PARA O ALINHAMENTO DA SEGURANÇA INSTITUCIONAL

No pilar institucional são considerados os ambientes político, ambiental e de negócio. A nossa posição no gráfico explicita a necessidade das reformas constitucionais propostas. De todas, avançamos na reforma previdenciária. No entanto, precisamos da reforma tributária, da reforma do Estado, da reforma política e assim por diante.

É necessário considerar que as reformas infraconstitucionais, com as quais vários setores

da economia tiveram seus marcos regulatórios reformulados, significam um importante avanço na direção de maior maturidade institucional e abertura para novos investimentos.

O desafio está em priorizar as reformas necessárias para alinharmos o arcabouço institucional reformulado com as oportunidades que emergem de uma nova dinâmica geopolítica favorável.

ATIVIDADE ECONÔMICA - BRASIL

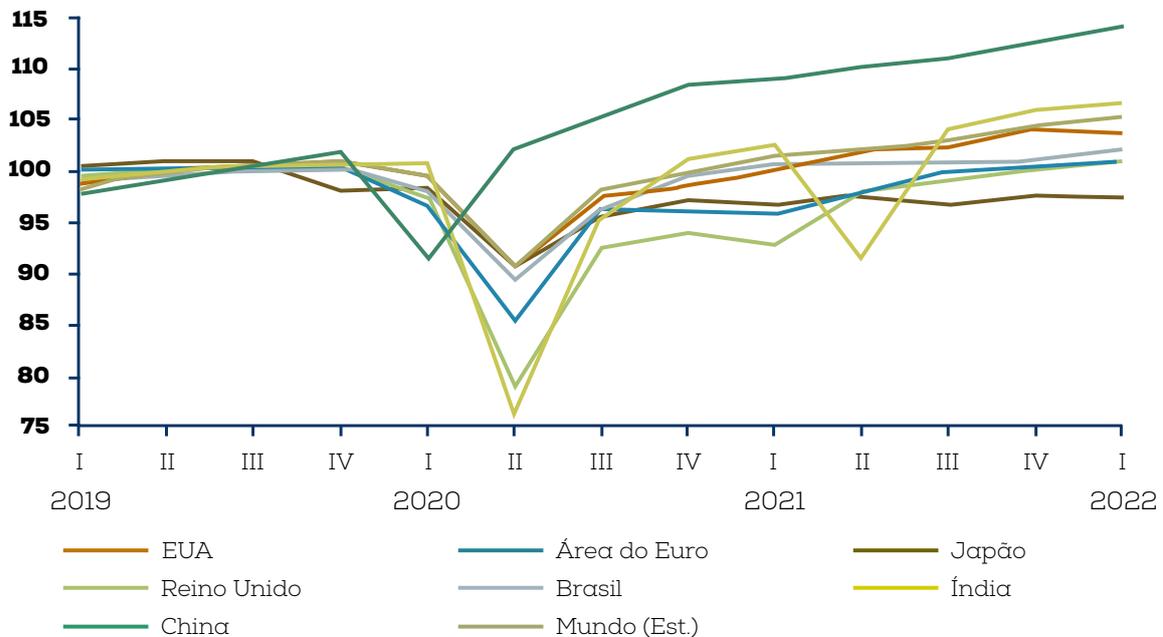
A alternativa de retomada em "V" como a mais provável - dadas as características de retração da economia, motivada pela crise pandêmica, e do prenúncio das medidas epidemiológicas

e econômicas que estavam por vir - se revelou acertada. Como pode ser observada no gráfico abaixo, que apresenta o desempenho do Brasil em relação a outras importantes economias e ao mundo.

GRÁFICO 11 - ATIVIDADE ECONÔMICA - BRASIL COMPARATIVAMENTE

Inflação cheia (% a/a)

(Média de 2019 = PIB¹)



Fonte Primária: Bloomberg e Banco Central do Brasil - BCB.

Fonte Secundária: Banco Central do Brasil: Grupo de Estudos CDG_5.7.

Comparativamente, o Brasil foi um dos países com menores retrações econômicas. Na trajetória de queda e retomada das atividades econômicas, ficamos atrás somente dos EUA, da China e da Índia - embora a Índia tenha retraído mais que o Brasil.

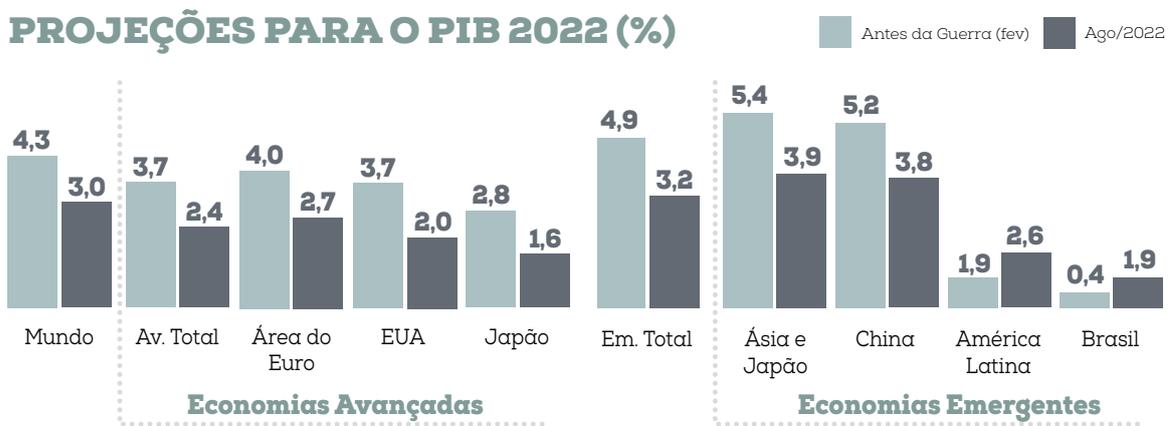
No geral, retraímos 4,1% do PIB e retornamos em 2021 em torno de 5%. Isso tudo com um forte ritmo de retomada. No entanto, fatores inflacionários globais e domésticos demandaram uma política monetária mais restritiva para o crescimento em 2022.

PRODUTO INTERNO BRUTO – PIB 2022

Em que pese esses fatores restritivos, gerados pela antecipação da política monetária, vale observar que, no contexto comparativo, o Brasil apresenta tendências

de crescimento inversas ao que vem acontecendo nas economias avançadas, e até mesmo entre as emergentes. Isso pode ser observado na figura a seguir:

FIGURA 11 – PROJEÇÕES PARA O PIB 2022



Fonte Primária: Mediana das projeções Bloomberg e relatório Focus (mediana das projeções últimos 5 dias; últ. Inf: 5/ago/22); Fonte Secundária: Banco Central do Brasil: Apresentação RCN_Mil – Cenário Econômico.

Essas previsões foram de agosto de 2022. Se observarmos o final do mês de setembro, as projeções para o PIB de 2022 já são muito próximas a 3%.

Inflação

No Brasil, foram apresentadas algumas surpresas com índices que superaram as expectativas do mercado e do Banco Central. Isso se deveu, sobretudo, aos preços de energia elétrica, de combustíveis e de alimentos.

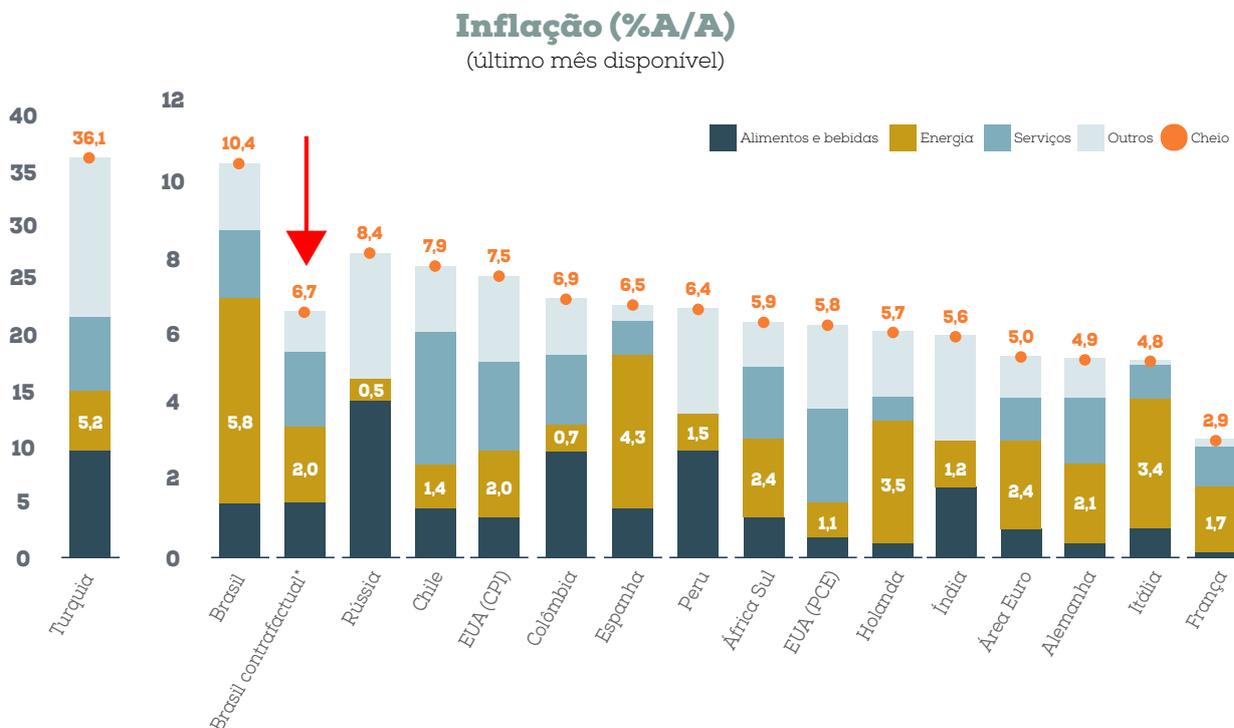
A crise hídrica enfrentada foi uma das maiores dos últimos 20 anos, que implicou em aumento do custo de energia. Por outro lado, a subida dos preços do petróleo e seus

derivados se juntou à subida de preço dos alimentos. Alié a isso o impacto dos preços de energia provocado pela Guerra na Ucrânia e evoluímos para uma inflação crescente e intensa em curto período.

No gráfico seguinte, é possível observar as contribuições desses itens para a variação da inflação, de forma comparativa entre os países.

OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

GRÁFICO 12 - CONTRIBUIÇÕES INFLACIONÁRIAS



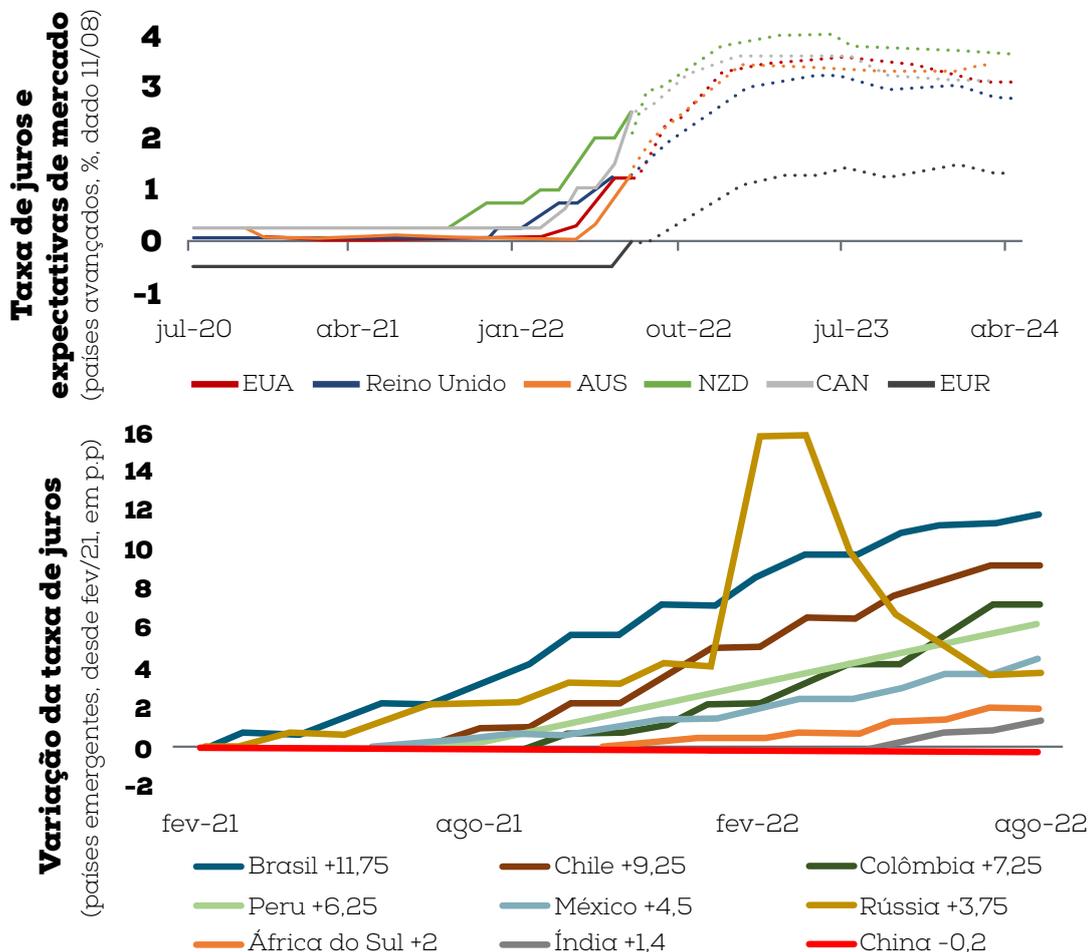
*Calculado com média das contribuições de energia dos países: Rússia, Chile, EUA (CPI), Colômbia, Espanha, Peru, África Sul, Holanda, Índia, Alemanha, Itália e França. OBS: Rússia, Peru e Índia - contribuição de serviços não disponível. Fontes: Bloomberg, Institutos de estatística nacionais, bancos centrais. Fonte: Banco Central do Brasil: Apresentação RCN_BTG Pactual_22.02.

Nota-se, sobretudo, o impacto de energia na composição da inflação no Brasil. No entanto, a política monetária adotada pelo Banco Central do Brasil foi

antecipada, tal como pode ser observado nos gráficos a seguir de forma comparativa com países avançados e emergentes.

ANTECIPAÇÃO DA POLÍTICA MONETÁRIA

GRÁFICO 13 - ANTECIPAÇÃO DA POLÍTICA MONETÁRIA PELO BANCO CENTRAL DO BRASIL



Fonte Primária: Bloomberg; IBGE.

Fonte Secundária: Banco Central do Brasil: Apresentação RCN_Mil - Cenário Econômico.

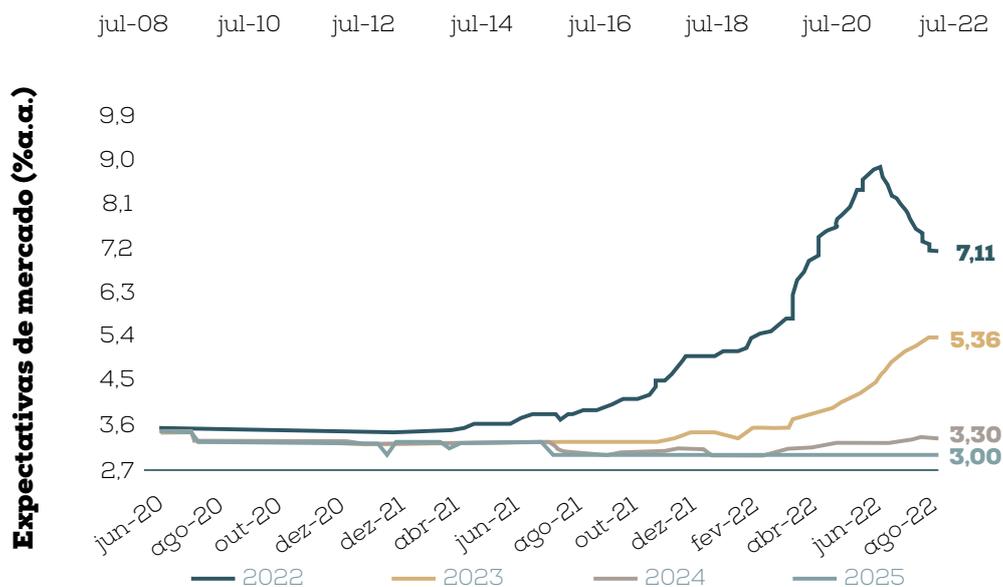
Essa política monetária antecipada foi combinada com as Medidas do Ministério da Economia, no que diz respeito à desoneração dos impostos incidentes

nos combustíveis e na cesta básica, assim como a implementação de subsídios, principalmente, aos caminhoneiros.

EFEITOS DA POLÍTICA MONETÁRIA ANTECIPADA

Os efeitos podem ser observados no gráfico abaixo.

GRÁFICO 14 - EXPECTATIVA DE INFLAÇÃO



Fonte Primária: BCB; IBGE e expectativa de mercado (relatório Focus). Não há dados atualizados para 2024 e 2025; Fonte Secundária: Banco Central do Brasil: Apresentação RCN_Mil - Cenário Econômico.

Essa expectativa de inflação – descendente para 2022 (em torno de 7,1%), estendida para 5,3% em 2023, e mais decrescente para 2024 – demonstra a eficiência das medidas adotadas e as características de externalidades geradoras dos impulsos inflacionários já comentados.

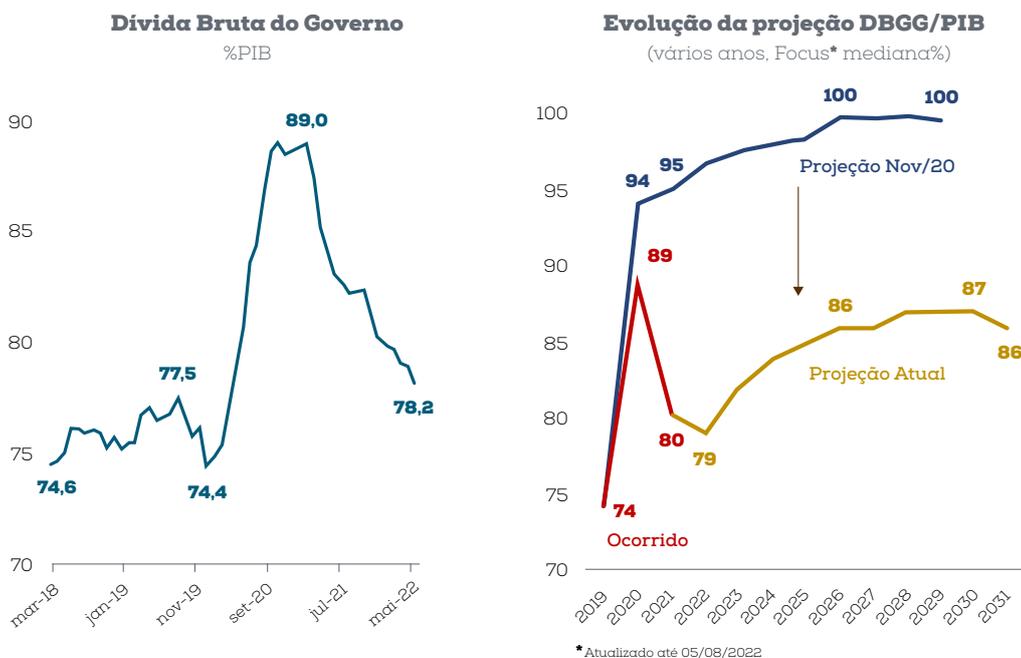
É possível notar que a expectativa do mercado divulgada no Boletim Focus, em 07 de outubro deste ano,

já apresentou uma projeção de inflação na ordem de 5,71% para 2022 e de 5,00% para 2023.

GASTOS DO GOVERNO FEDERAL E DÍVIDA PÚBLICA

As condições fiscais do país são refletidas nas perspectivas da dívida pública projetada, na qual se considera a política fiscal com o controle de gastos do Governo, conforme pode ser observado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 15 - GASTOS DO GOVERNO EM RELAÇÃO AO PIB



Fonte: Ministério da Economia: Secretaria Especial do Tesouro e Orçamento - Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas - Quarto Bimestre.

O controle das despesas, juntamente com o aumento da arrecadação, favoreceu um comportamento da dívida/PIB

melhor do que o mercado esperava, apresentando assim, um quadro fiscal bem mais favorável.

DESAFIOS FUTUROS

Os desafios futuros para a perenidade da regra fiscal dizem respeito a fatores como despesas obrigatórias e indexação das contas orçamentárias. O Brasil deve ser o país com maior rigidez orçamentária, uma vez que 94% do orçamento são despesas obrigatórias. O Congresso passa seis meses discutindo 6% do orçamento, porque o restante já foi previamente alocado. Isso implica dizer que as decisões alocativas do Congresso, que faz a representação da população, são extremamente reduzidas.

Considerando que, na parte não obrigatória, os cortes já vêm sendo realizados há muito tempo, basta observar a

capacidade de investimento cada vez mais reduzida – as reduções devem ocorrer na parte obrigatória e isso conversa diretamente com a Reforma Administrativa em tramitação no Congresso.

Deve ser considerada a discussão da desindexação do orçamento. Nesse aspecto, o Brasil também se diferencia do resto do mundo, porque seu orçamento apresenta em torno de 60% das despesas indexadas. Isso resulta em distorções, como por exemplo, o Bolsa Família – o projeto social mais bem avaliado –, que não é indexado, enquanto outros programas sociais de impactos discutíveis são indexados.

Arrecadação do Governo

O aumento da atividade econômica pode ser observado pela arrecadação federal. A tabela abaixo demonstra a evolução da arrecadação, de setembro de 2020 até agosto de 2021, assim como o

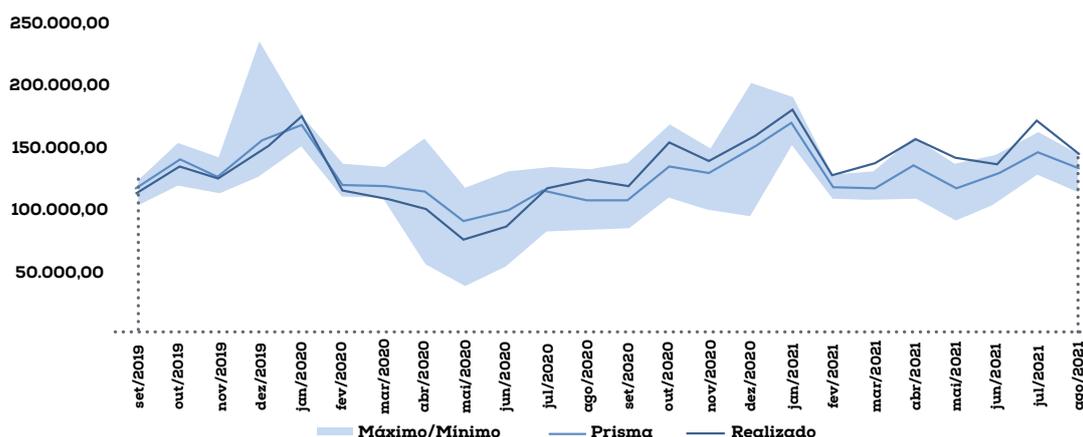
comparativo com o Prisma Fiscal, por meio do qual se define mínimo e máximo previstos para esse índice. Embora seja um gráfico comparativo para 2021, a situação se repete para 2022.

ARRECAÇÃO FEDERAL E EXPECTATIVA DE MERCADO

TABELA 1 - ARRECAÇÃO FEDERAL MENSAL E EXPECTATIVAS DE MERCADO

UNIDADE: R\$ MILHÕES

MÊS/ANO	PRISMA FISCAL (A)	ARRECAÇÃO (B)	DIFERENÇA (C= B-A)	DIFERENÇA (%) (C/A)
set/20	108.237	119.825	11.588	10,7%
out/20	135.770	153.938	18.169	13,4%
nov/20	129.772	140.101	10.329	8,0%
dez/20	150.222	159.065	8.843	5,9%
jan/21	170.740	180.221	9.481	5,6%
fev/21	118.867	127.747	8.881	7,5%
mar/21	117.739	137.932	20.193	17,2%
abr/21	135.776	156.822	21.046	15,5%
mai/21	117.970	142.106	24.136	20,5%
jun/21	129.032	137.169	8.137	6,3%
jul/21	146.436	171.270	24.833	17,0%
ago/21	134.185	146.463	12.12.278	9,2%



Fonte: RFB e Prisma Fiscal – SPE, Ministério da Economia.

A arrecadação total tem sido acima do esperado pelo mercado. Deve-se considerar que esse quadro de aumento de arrecadação também se revela nos estados. Isso favorece os indicadores que os habilitam à captação de recursos para fins de investimentos.

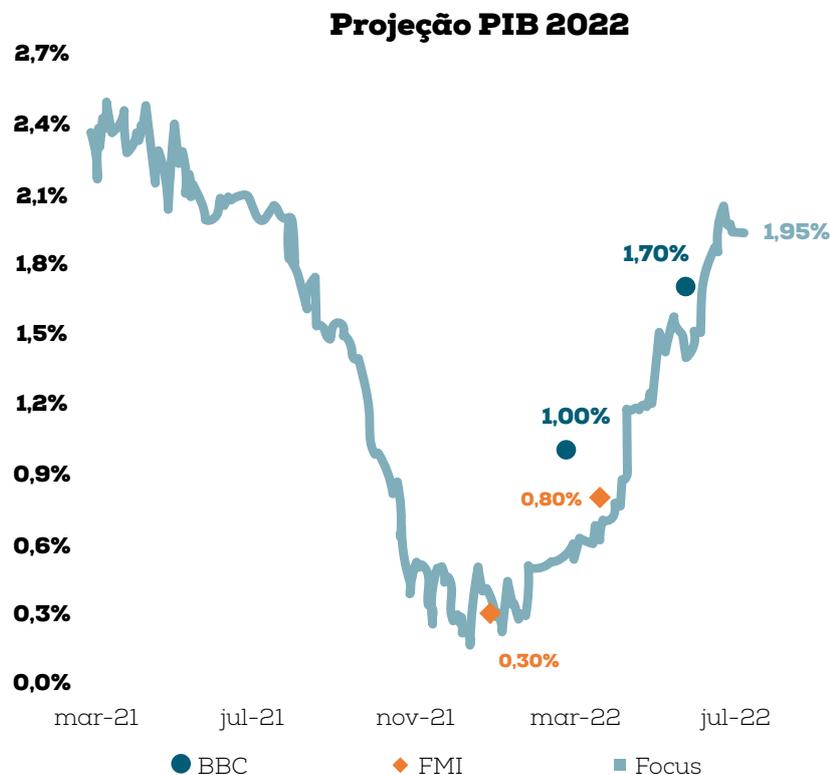
Projeções macroeconômicas

Diante das perspectivas inflacionárias, e consequente subida das taxas de juros, as projeções macroeconômicas do PIB do Brasil para 2022 têm

sido refeitas pelas diversas instituições do mercado financeiro. Tal oscilação de previsões pode ser observada na figura abaixo:

PREVISÕES DE MERCADO

GRÁFICO 16 - PROJEÇÕES PIB 2022



Fonte Primária: BCB, FMI; IBGE e Focus (mediana dos últimos 5 dias);
 Fonte Secundária: Banco Central do Brasil : Apresentação RCN_Mil - Cenário Econômico.

As previsões do mercado, antes acima de 2,0%, caem para cerca de 0% no início de 2022 e, em julho, aponta para patamares muito próximos aos de março de 2021. Veremos que no final de setembro de 2022 essas projeções já se aproximam mais para 3%.

Na sequência, são apresentadas as projeções macroeconômicas realizadas por diversas instituições do mercado e por organismos internacionais multilaterais,

como o Fundo Monetário Internacional – FMI, assim como a perspectiva do mercado, captada pelo Boletim Focus do Banco Central.

PROJEÇÕES DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

BOLETIM FOCUS E BRADESCO

Para fins de integridade dos dados são apresentadas as tabelas originais de cada instituição.

TABELA 2 - BOLETIM FOCUS - BANCO CENTRAL

IPCA (%) 2022 5,63 2023 4,94 ▲ =		PIB (var. %) 2022 2,76 2023 0,70 = ▲	
CÂMBIO (R\$/US\$) 2022 5,20 2023 5,20 = = fim de período		SELIC (% a.a.) 2022 13,75 2023 11,25 = = meta fim de período	

▲ Aumento ▼ Diminuição = Estabilidade



Fonte: Banco Central: Atualizado em 04 de novembro de 2022.

TABELA 3 - PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS BRADESCO



	2019	2020	2021	2022*	2023*	2024*	2025*	2026*
ATIVIDADE								
Crescimento Real do PIB (% aa.)	1,22	-3,88	4,62	2,72	0,52	1,08	1,50	1,50
Agropecuária (%)	0,42	3,75	-0,20	0,05	3,08	2,95	2,95	2,95
Indústria (%)	-0,67	-3,40	4,48	1,27	-0,43	1,51	1,51	1,51
Serviços (%)	1,51	-4,34	4,72	3,78	0,92	1,94	1,94	1,94
PIB Nominal (R\$ bilhões)	7.389,1	7.467,6	8.679,5	9.712,3	10.360,8	11.127,5	11.769,3	12.448,2
População - milhões	210,08	211,65	213,19	214,68	216,12	217,51	218,84	220,11
PIB per capita - R\$	35.173	35.283	40.713	45.241	47.939	51.158	53.780	56.554
Vendas no varejo Restrita (%)	1,84	1,18	1,40	1,88	1,30	1,30	1,30	1,30
Produção Industrial (%)	-1,08	-4,45	3,93	-0,15	1,34	-0,14	0,00	0,00
Taxa de desemprego (% - média) - Pnad Contínua	11,99	13,76	13,23	9,27	8,30	7,56	7,07	6,99
Taxa de Crescimento da Massa Salarial - IBGE (%)	2,55	-6,41	-2,05	10,64	-0,01	4,44	4,41	4,43
Rendimento médio real - IBGE (%)	0,42	2,49	-10,77	4,01	-1,47	2,89	3,41	3,56
INFLAÇÃO E JUROS								
IPCA (IBGE) - % aa.	4,31	4,52	10,06	5,70	4,90	3,00	3,00	3,00
IGP-M (FGV) - % aa.	7,30	23,14	17,78	7,64	4,61	3,50	3,50	3,50
Taxa Selic Meta (% aa.)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	7,50	7,50	7,50
CDI (% aa.) - Taxa dezembro	4,59	1,90	8,76	13,65	11,77	7,40	7,40	7,40
Taxa Selic nominal (acumulado 12 meses) %	5,95	2,75	4,44	12,39	13,03	9,42	7,43	7,34
Taxa Selic real / IPCA (acumulado 12 meses) %	1,57	-1,69	-5,11	6,32	7,74	6,24	4,30	4,21
Taxa Selic real / IGP M (acumulado 12 meses) %	-1,27	-16,55	-11,33	4,42	8,05	5,72	3,79	3,70
IJLP (% aa.) - acumulado no ano	6,20	4,87	4,80	6,73	6,90	5,82	5,50	5,60

Fonte: Bradesco; Atualizado em outubro de 2022.

PROJEÇÕES DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS SANTANDER E ITAÚ

TABELA 4 - PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS SANTANDER

Atividade	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Longo Prazo	Nota
Crescimento do PIB	3,5	3,3	1,3	1,8	1,2	3,9	4,6	2,8	0,7	0,5	1,5	PIB potencial
PIB per capita	8,8	8,7	9,9	9,2	8,9	6,8	7,5	8,7	9,2	9,4	9,9	-
Desemprego - final de período	9,7	12,8	12,5	12,4	11,7	14,9	11,7	9,5	10,3	10,3	9,0	Desemprego estrutural
Desemprego - média	8,6	11,6	12,8	12,4	12,0	13,8	13,2	9,5	10,2	10,3	9,0	-
Inflação (%)												
IPCA-IBGE	10,7	6,3	2,9	3,7	4,3	4,5	10,1	5,5	5,0	3,0	3,0	Meta do UC
IGP-M	10,5	7,2	-0,5	7,6	7,3	23,1	17,8	7,8	4,3	3,0	3,0	Compatível com a meta do IPCA
Taxa de Câmbio												
R\$/US\$ - final de período	3,90	3,26	3,31	3,87	4,03	5,20	5,6	5,3	5,40	5,50	5,55	199*
R\$/US\$ - média	3,33	3,49	3,19	3,65	3,95	5,16	5,4	5,2	5,34	5,45	5,53	-
Taxa de Juros (% a.a.)												
SELIC meta - média	13,48	14,18	10,14	6,58	6,03	2,88	4,6	12,57	13,40	10,34	7,00	Juros estrutural
SELIC meta - final de período	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,3	13,75	12,00	9,00	7,00	-
Balança de Pagamentos												
Exportações (US\$ bi)	186,8	179,5	215,0	231,9	221,1	209,2	200,8	319,3	322,9	327,9	-	-
Importações (US\$ bi)	173,1	139,3	158,0	185,3	185,9	158,8	219,4	262,0	268,2	272,2	-	-
Saldo Comercial (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	57,2	54,7	55,7	-	-
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-27,9	-39,1	-41,4	-46,2	-	-
Conta Corrente (% PIB)	-3,1	-1,4	-1,1	-2,7	-3,5	-1,7	-1,8	-2,1	-2,2	-2,4	-2,2	Equilíbrio
Contas Fiscais												
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,0	-1,4	-1,2	0,0	200e
Dívida Pública Líquida (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,0	54,7	62,5	57,2	58,3	63,6	68,0	77,7	200e
Dívida Pública Bruta (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	78,2	82,8	88,0	95,3	200e

Fonte: Santander: Atualizado em outubro de 2022.

TABELA 5 - PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS ITAÚ

Brasil										
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022P	2023P	
Atividade Econômica										
Crescimento real do PIB - %		-3,5	-3,3	1,3	1,8	1,2	-3,9	4,6	2,5	0,5
PIB nominal - BRL bi	5.996	6.269	6.585	7.004	7.389	7.468	8.679	9.736	10.486	
PIB nominal - USD bi	1.800	1.798	2.063	1.916	1.872	1.447	1.609	1.887	1.947	
População - Milhões	203,5	205,2	206,8	208,5	210,1	211,8	213,3	214,8	216,3	
PIB per capita - USD	8.847	8.764	9.977	9.189	8.910	6.834	7.541	8.786	9.002	
Taxa nacional de desemprego - média anual (*)	8,6	11,6	12,8	12,4	12,0	13,8	13,2	9,4	9,7	
Taxa nacional de desemprego - fim do ano (*)	9,7	12,8	12,5	12,3	11,7	14,9	11,8	9,1	10,1	
Inflação										
IPCA - %	10,7	6,3	2,9	3,7	4,3	4,5	10,1	5,5	5,0	
IGP-M - %	10,5	7,2	-0,5	7,5	7,3	23,1	17,8	8,1	4,2	
Taxa de Juros										
Selic - final do ano - %	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,00	
Balança de Pagamentos										
BRL / USD - final de período	3,96	3,26	3,31	3,88	4,03	5,19	5,57	5,25	5,50	
Balança comercial - USD bi	14	40	56	47	35	50	61	58	68	
Conta corrente - % PIB	-3,0	-1,4	-1,1	-2,7	-3,5	-1,7	-1,8	-2,2	-1,1	
Investimento direto no país - % PIB	3,6	4,1	3,3	4,1	3,7	3,1	2,9	2,9	3,1	
Reservas internacionais - USD bi	369	372	382	387	367	356	362	362	362	
Finanças Públicas										
Resultado primário - % do PIB	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,0	-1,5	
Resultado nominal - % do PIB	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-7,4	-9,8	
Dívida pública bruta - % do PIB	65,5	69,9	73,7	75,3	74,3	88,8	80,3	77,6	82,0	
Dívida pública líquida - % do PIB	36,0	46,2	51,4	52,8	54,6	62,7	57,2	59,4	64,2	

Fonte: FMI, Bloomberg, IBGE, BCB, Haver e Itaú

(*) Taxa de desemprego medida pela Pnad Continua

Fonte: Itaú: Atualizado em novembro de 2022.

PROJEÇÕES DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

FMI

TABELA 6 – PROJEÇÕES DO PIB PELO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL – FMI
Table 1. Overview of the World Economic Outlook Projections
(Percent change, unless noted otherwise)

	Year over Year								
	Projections				Difference from April 2022 WEO		Q4 over Q4 2/		
	2020	2021	2022	2023	2022	2023	2021	2022	2023
World Output	-3,1	6,1	3,2	2,9	-0,4	-0,7	4,4	1,7	3,2
Advanced Economies	-4,5	5,2	2,5	1,4	-0,8	-1,0	4,7	1,3	1,5
United States	-3,4	5,7	2,3	1,0	-1,4	-1,3	5,5	1,0	0,6
Euro Area	-6,3	5,4	2,6	1,2	-0,2	-1,1	4,7	0,7	2,1
Germany	-4,6	2,9	1,2	0,8	-0,9	-1,9	1,8	0,5	1,5
France	-7,9	6,8	2,3	1,0	-0,6	-0,4	4,9	0,4	1,1
Italy	-9,0	6,6	3,0	0,7	0,7	-1,0	6,4	0,6	1,6
Spain	-10,8	5,1	4,0	2,0	-0,8	-1,3	5,5	1,3	2,3
Japan	-4,5	1,7	1,7	1,7	-0,7	-0,6	0,4	2,4	0,6
United Kingdom	-9,3	7,4	3,2	0,5	-0,5	-0,7	6,6	0,1	1,3
Canada	-5,2	4,5	3,4	1,8	-0,5	-1,0	3,2	2,5	1,7
Other Advanced Economies 3/	-1,8	5,1	2,9	2,7	-0,2	-0,3	4,6	2,0	2,8
Emerging Market and Developing Economies	-2,0	6,8	3,6	3,9	-0,2	-0,5	4,2	2,1	4,7
Emerging and Developing Asia	-0,8	7,3	4,6	5,0	-0,8	-0,6	3,8	4,0	4,7
China	2,2	8,1	3,3	4,6	-1,1	-0,5	3,5	4,1	3,2
India 4/	-6,6	8,7	7,4	6,1	-0,8	-0,8	3,9	4,1	7,2
ASEAN-5 5/	-3,4	3,4	5,3	5,1	0,0	-0,8	4,7	3,4	6,1
Emerging and Developing Europe	-1,8	6,7	-1,4	0,9	1,5	-0,4	6,1	-7,0	7,7
Russia	-2,7	4,7	-6,0	-3,5	2,5	-1,2	4,8	-13,9	4,8
Latin America and the Caribbean	-6,9	6,9	3,0	2,0	0,5	-0,5	3,9	1,8	2,1
Brazil	-3,9	4,6	1,7	1,1	0,9	-0,3	1,6	1,5	1,5

Fonte: FMI: World Economic Outlook: Overview of the World Economic Outlook Projections- julho de 2022.

A projeção do PIB para 2023 segue variando com:

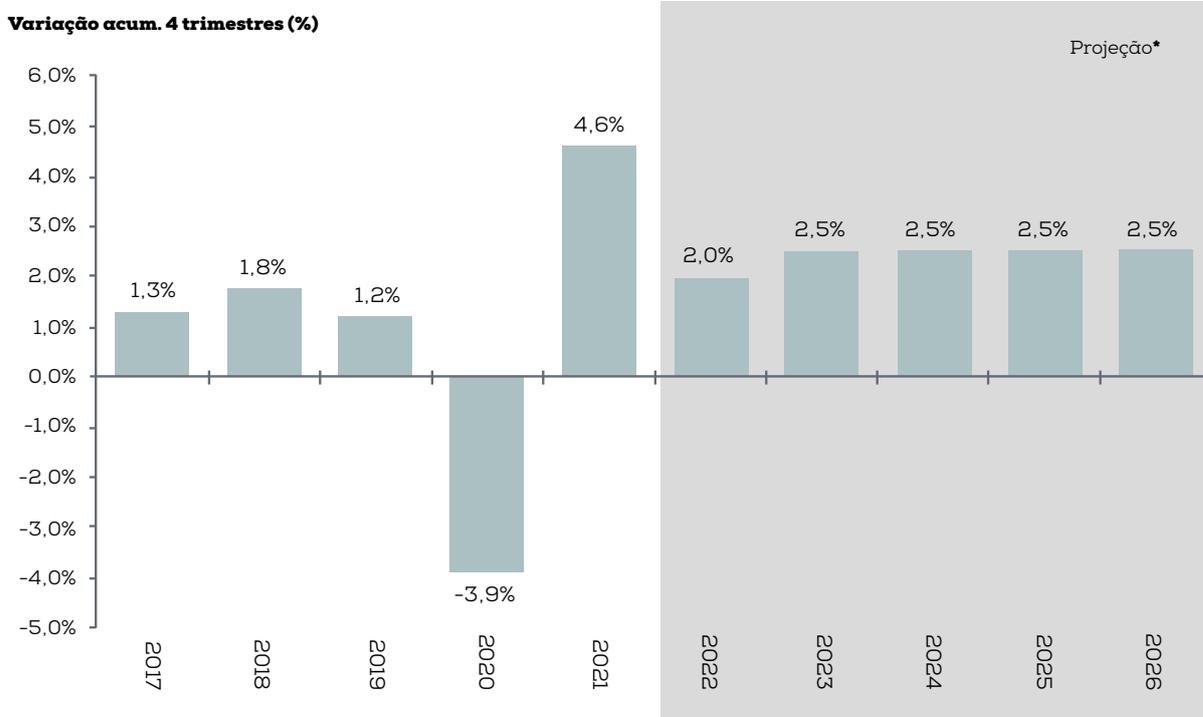
- _ 0,64% (Boletim Focus)
- _ 1,1% (última projeção do FMI)
- _ 0,5% (Itaú)
- _ 0,52% (Bradesco)
- _ 0,7% (Santander)

No entanto, o Ministério da Economia, através da Secretaria de Política Econômica – SPE, no Panorama Econômico,

faz uma projeção de 2,0% para 2021 e 2,5% para o crescimento do PIB a partir de 2023.

PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS DO MINISTÉRIO DA ECONOMIA

GRÁFICO 17 - PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS MINISTÉRIO DA ECONOMIA



Fonte: IBGE, Contas Nacionais Trimestrais. *Projeção: Grade de Parâmetros Macroeconômicos, de julho/2022.

Fonte: Ministério da Economia: Secretaria de Políticas Econômicas: Panorama Macroeconômico.

Esse cenário de projeções mais favoráveis a partir de 2023, por certo, considera um avanço nas reformas, como também nos níveis de inflação e relação dívida pública/PIB, de acordo com os valores

anteriores apresentados. Se esse equilíbrio prevalecer e for combinado com as oportunidades para o Brasil, já apresentadas aqui, essa previsão parece ser bem razoável.

É preciso considerar que as oportunidades apresentadas são estruturais. Trata-se de um processo de reindustrialização e sua inserção nas cadeias globais de produção, dentro de novos padrões de desenvolvimento, considera os aspectos ambientais, sociais e de um novo equilíbrio geopolítico. Esses novos arranjos já podem ser observados, sobretudo, no que diz respeito aos investimentos privados já realizados e aqueles apontados para o futuro.

INVESTIMENTOS

No aspecto dos investimentos, os argumentos são centrados nos relatórios da SPE quando afirmam que a qualidade do crescimento – com base em investimentos privados e maior eficiência alocativa nos fatores de produção – constitui um novo padrão de crescimento.

A SPE esclarece que a atual política econômica é suportada no binômio “consolidação fiscal e reformas pró-mercado” e, assim, são lançadas as bases para o crescimento sustentável do

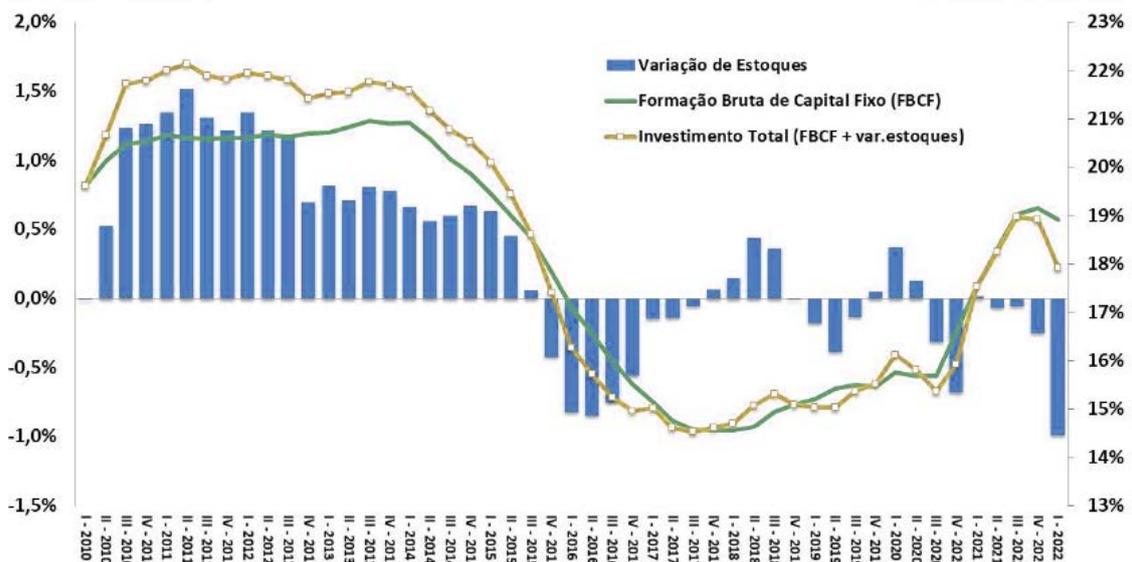
país no longo prazo. É importante destacar, de acordo com observação da SPE, a expansão dos investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF) na comparação com o trimestre imediatamente anterior (alta de 4,8%). Com esse resultado, a taxa de investimento em relação ao PIB atingiu 18,7% – a maior observada para o segundo trimestre desde 2014.

Isso é apontado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 18 - INVESTIMENTOS: FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL E ESTOQUES

Varição de Estoques (% do PIB)
Acumulado 4 trimestres

FBCF e Investimento (% do PIB)
Acumulado 4 trimestres



Fonte: IBGE, Contas Nacionais Trimestrais.

Fonte: Ministério da Economia: Secretaria de Políticas Econômicas: Panorama Macroeconômico.

A prevalência do capital privado liderou a retomada econômica 2020/2021 e permanece em 2022. O crescimento robusto da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) representa uma ampliação considerável do estoque de capital, aumentando, portanto, a capacidade produtiva do país no futuro, inclusive em 2023.

CRÉDITO PARA FINANCIAMENTO

Outro importante fator a ser considerado, e que é apresentado pela SPE, está na alocação de recursos para financiamentos, ou seja, crédito. A SPE afirma que “as reformas constitucionais, mudanças legislativas infraconstitucionais e decisões normativas afetaram o mercado de crédito tradicional e têm permitido novas alternativas de financiamento via mercado de capitais,

tais como oferta de ações (IPO), debêntures e fundos. Dessa forma, privilegiam-se as alternativas com maiores taxas de retorno e o aumento da eficiência alocativa por meio de projetos mais rentáveis, de modo a proporcionar, por conseguinte, a possibilidade de aumento da produtividade da economia brasileira e a retomada sustentada do crescimento econômico”.

O gráfico abaixo apresenta a evolução do crédito livre para Pessoa Jurídica e Pessoa Física.

GRÁFICO 19 - CRÉDITO LIVRE PARA FINANCIAMENTO

R\$ bilhões, a.s.



Fonte: Ministério da Economia – Relatório de Inflação.

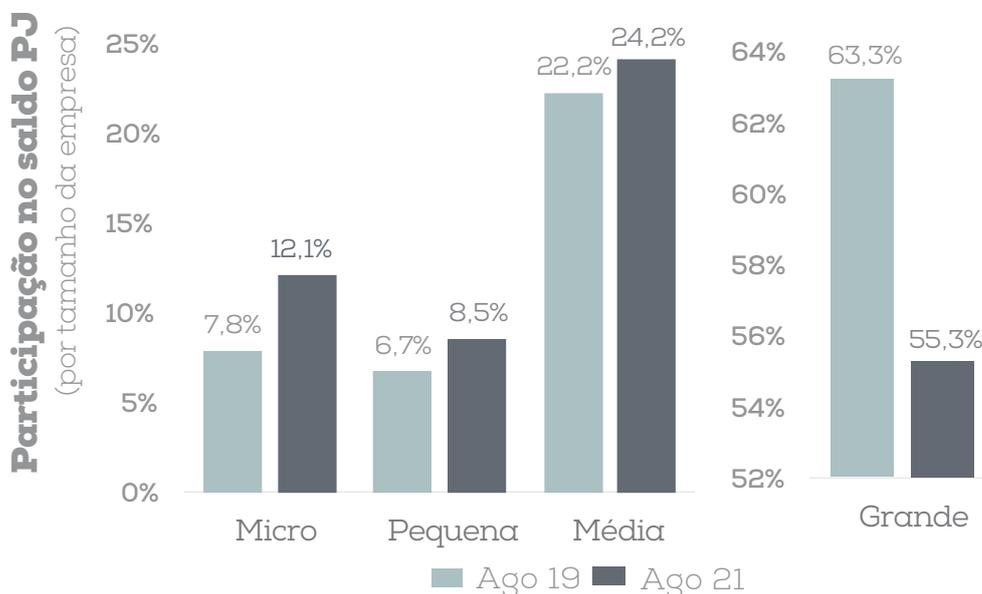
Note a mudança de comportamento do crédito para as empresas. Historicamente, o crédito para consumo se apresenta em patamares mais elevados. O ponto de inflexão do crédito para empresas ocorreu durante o período da pandemia. Agora incorre em um novo padrão de acesso ao crédito, sobretudo para as empresas de médio porte.

O ACESSO DAS MÉDIAS EMPRESAS AO CRÉDITO É UM IMPORTANTE INDICADOR

No gráfico abaixo é possível ver, no âmbito da participação do saldo de crédito para PJ, um aumento significativo das empresas médias – a partir de 2019, com aumento em

2021 e 2022. Isso implica dizer que a participação do crédito privado tem crescido, significativamente, nas empresas médias.

GRÁFICO 20 - PARTICIPAÇÃO NO SALDO PJ POR PORTE DE EMPRESA



Fonte: Banco Central.

Isso pode ser percebido no âmbito da FDC, em meio à operação do programa Parceiros para Excelência – PAEX, que congrega mais de quinhentas empresas distribuídas em todas as regiões do Brasil. Com a pandemia, a expansão da liquidez derivada das

medidas do Banco Central e a expansão monetária promovida pelo governo, houve uma mudança significativa no acesso ao crédito por parte das empresas médias. Tanto no crédito para capital de giro quanto para expansão.

O desafio, agora, consiste em atravessar uma fase de juros mais altos e, ainda assim, manter os investimentos em determinados níveis favoráveis aos crescimentos presente e futuro.

MERCADO DE TRABALHO

No mercado de trabalho, pode ser observada, também, a singularidade da crise provocada pela pandemia.

Diferentemente das crises anteriores, em que os trabalhadores informais compensaram as perdas dos empregos, durante essa crise, em 2020, a principal fonte de desemprego se deu pela retração dos trabalhadores informais. Em uma parte significativa desse efeito entrou a implantação do Programa Emergencial de Manutenção

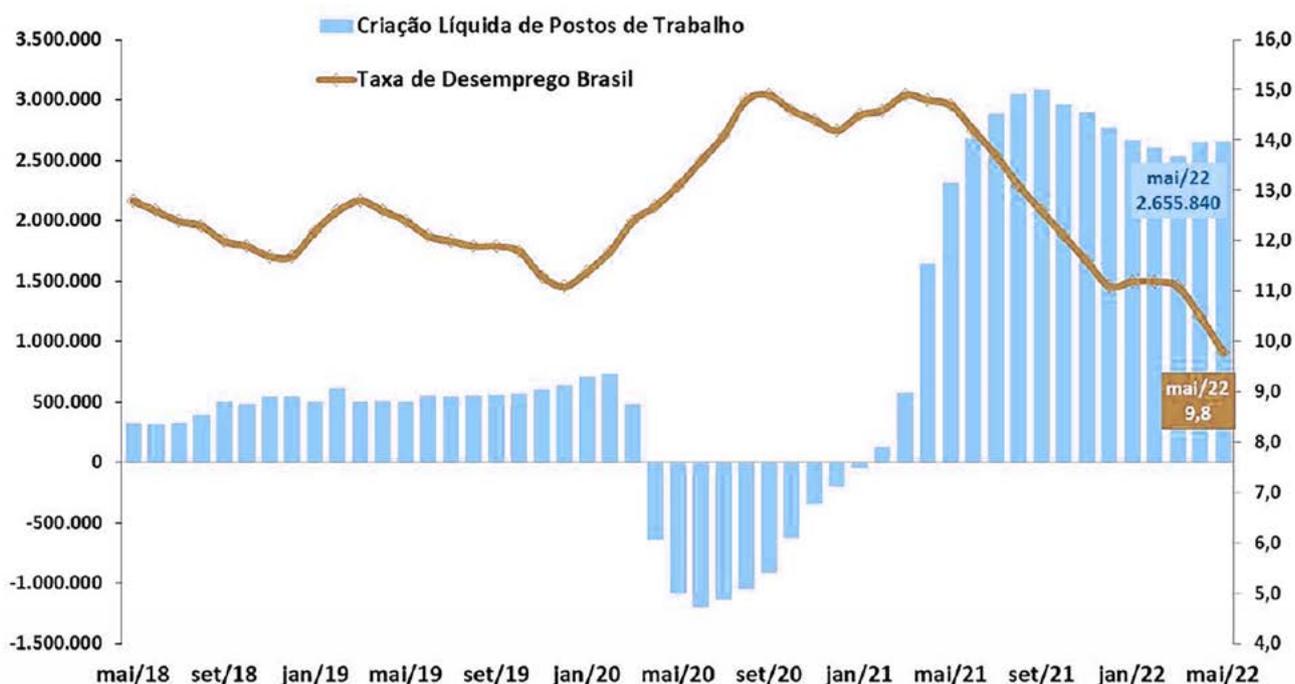
de Emprego, por parte do Governo. Mas não somente isso. As próprias características do emprego informal, mais concentrado em serviços, e o impacto da crise nesse setor explicam boa parte desse fenômeno.

O gráfico abaixo mostra, de forma clara, a evolução dessa composição, assim como a queda da taxa de desemprego – notadamente a partir de setembro de 2020, com previsões de fechamento entre 8% e 9% em 2022.

GRÁFICO 21 - CRIAÇÃO DE EMPREGO FORMAL E TAXA DE DESEMPREGO

Criação Líquida de Postos Formais de Trabalho Acum. em 12 meses (em postos de trabalho)

Taxa de Desemprego Brasil % da População Economicamente Ativa (PEA)



Fonte: IBGE - PNAD Contínua e ME - CAGED (dados ajustados).

Fonte: Secretaria de Política Econômica do Ministério da Economia: Panorama Macroeconômico.

SURGIMENTO DE NOVAS VAGAS DE EMPREGO

A nota informativa, de setembro de 2022, do Ministério da Economia, relata que a taxa de desemprego mostrou recuo para 9,1% da PEA, verificada em julho/2022 (PNAD Contínua/IBGE), uma queda de 4,6 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior, retornando, assim, a patamares inferiores ao início da crise da pandemia e similares aos níveis de

2016. Isso representa uma redução de 4,5 milhões no contingente de desocupados no período dos últimos 12 meses. Cabe ressaltar que o recuo do desemprego decorre do aumento dos postos de trabalho, com recuperação da população ocupada, formal e informal, resultando em 8,0 milhões de novas ocupações no acumulado em 12 meses, até julho/2022.

Nesse contexto, o rápido crescimento da população ocupada possibilita, além da queda da taxa de desemprego, a redução da taxa de subutilização e do percentual dos desalentados.

Ainda segundo a nota, os dados do emprego formal (CAGED/MTP) também corroboram essa recuperação, com expansão de mais de 1,6 milhão de novos postos de trabalho com carteira assinada, no acumulado até julho/2022. Mensalmente, foram criadas cerca de 220 mil vagas, em média, nesses sete meses do referido ano.

Com isso, foram mais de 2,5 milhões de novas vagas formais no acumulado em 12 meses, até julho/2022. Desses novos postos de trabalho, mais da metade tem sido gerada no setor de serviços - com destaque para os ramos de informação e comunicação, comércio, atividades administrativas e alojamento, assim como alimentação.

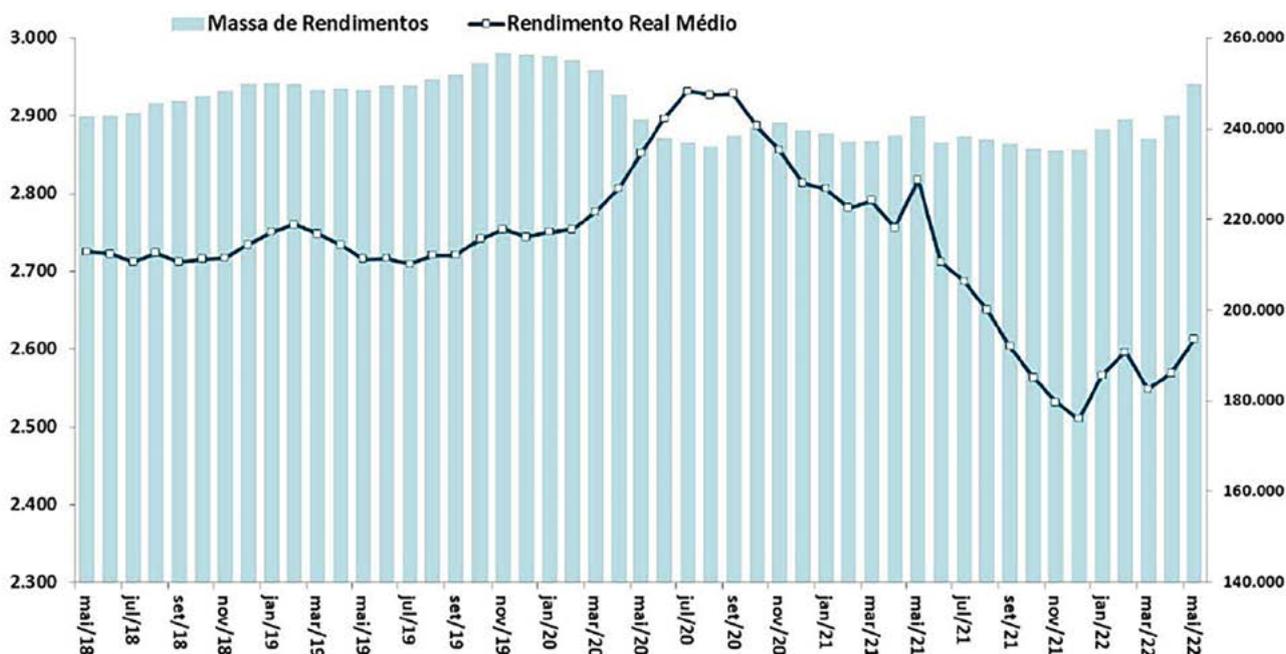
EVOLUÇÃO DA MASSA SALARIAL E RENDIMENTO MÉDIO

Essa geração de empregos mais concentrada em serviços resulta na redução do rendimento médio, justamente a partir do mês de setembro de 2020. Isso também se deve ao fato de que os empregos preservados durante a pandemia foram de rendimentos maiores. Essa trajetória pode ser observada no gráfico abaixo.

GRÁFICO 22 - EVOLUÇÃO DA MASSA SALARIAL E RENDIMENTO MÉDIO

Rendimento médio real habitualmente recebido de todos os trabalhos (R\$)

Massa de rendimento real habitualmente recebida de todos os trabalhos (milhões R\$)



Fonte: IBGE - PNAD Contínua: Nota: *Valores e preços do último mês.

Fonte: Ministério da Economia: Secretaria de Políticas Econômicas: Panorama Macroeconômico.

A partir de fevereiro de 2022 ocorre uma inflexão no rendimento médio com tendência crescente. Isso favorece o crescimento econômico de 2022, que, além de superar as expectativas iniciais, incorpora postos de trabalho mais qualificados – seja no setor de serviços ou em setores que demandam empregados, de fato, mais qualificados, como o setor industrial.

REFORMAS

No documento anterior, havia uma abordagem mais ampla sobre a necessidade de reformas e seus respectivos impactos na economia. Vale, então, reproduzir neste documento os mesmos argumentos com breves

atualizações. Isso porque os temas abordados são estruturais e devem guiar as nossas preocupações, atuais e futuras, com o desenvolvimento almejado para o Brasil.

Há vários indicadores para demonstrar a necessidade das reformas constitucionais e de regulações setoriais no Brasil. Para o propósito do presente trabalho, três indicadores sintetizam bem a situação:

- _ O crescimento do PIB
- _ O tamanho e o desempenho do Estado
- _ A produtividade

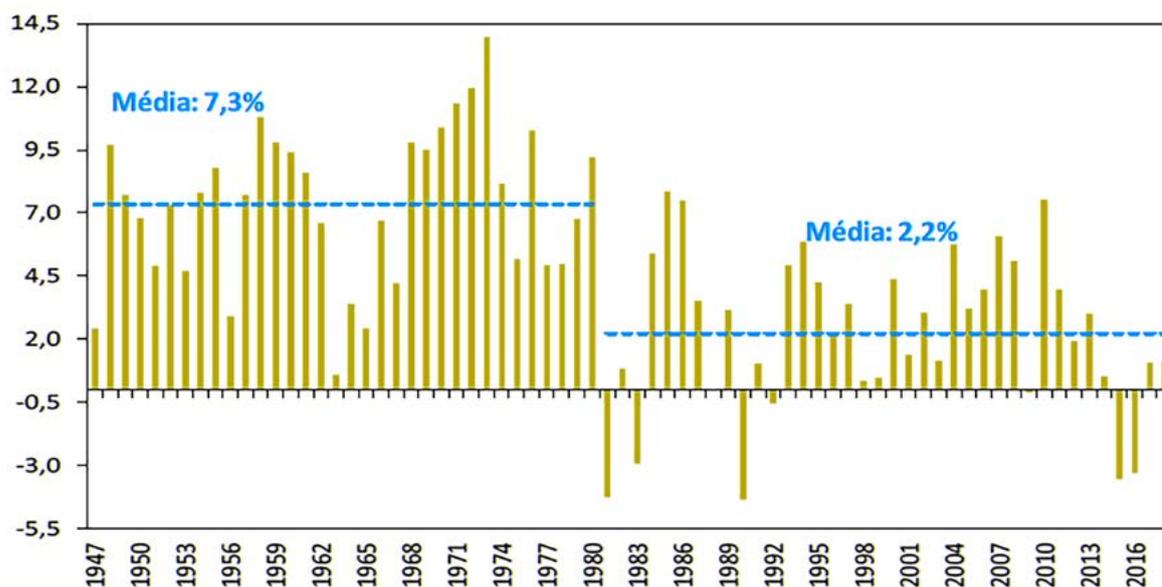
REFORMAS

A média de crescimento do PIB

O primeiro indicador, exposto no gráfico a seguir, apresenta uma série histórica do crescimento do PIB desde

1947 – período logo após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

GRÁFICO 23 - MÉDIA DE CRESCIMENTO DO PIB DESDE 1947



Fonte: Ministério da Economia – IBGE.

O modelo de desenvolvimento que permitiu mais de trinta anos de crescimento médio acima de 7% não poderia ser o mesmo para o período posterior. Vale lembrar que para fazer essa jornada criamos um Estado grande, mecanismos de proteção ao setor produtivo e conciliamos diversos grupos de interesse. Com isso já geramos alta dívida externa, depois,

aumento da dívida interna, hiperinflação e elevação da carga tributária.

Em síntese, precisamos reformar o Estado Brasileiro porque não há mais alternativas possíveis para continuar defendendo interesses específicos, sacrificando o crescimento e o atendimento social aos que mais necessitam.

As informações a seguir demonstram, claramente, a relação entre o tamanho do Estado e a qualidade da entrega dos serviços essenciais à sociedade.

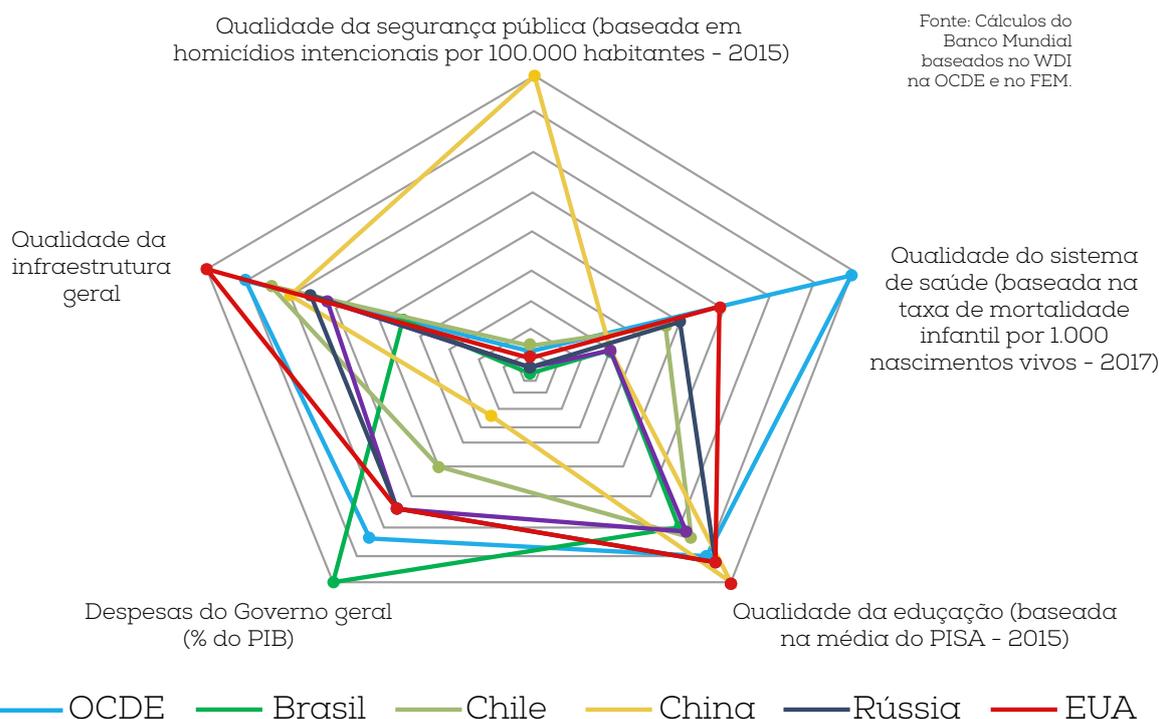
REFORMAS: O TAMANHO E O DESEMPENHO DO ESTADO BRASILEIRO

O modelo de desenvolvimento adotado, e que se apresenta estagnado, privilegiou a formação de um Estado grande e com grande ênfase na infraestrutura – não que tenha sido totalmente ruim. As médias apresentadas revelam

que isso valeu para certo período. O que não fizemos foi desamar esse modelo no tempo certo. Portanto, esse Estado grande, hoje, custa caro e se apresenta ineficiente. É o que pode ser observado na figura seguinte.

FIGURA 12 - TAMANHO E DESEMPENHO DO ESTADO BRASILEIRO

O Estado brasileiro gasta mais do que os seus pares, mas alcança menos



Fonte: Banco Mundial.

Vale notar que, dos países observados, o Brasil é aquele que mais gasta com a máquina pública, em percentual do PIB, e o que menos entrega valor para a sociedade em qualidade da infraestrutura, da segurança pública, do sistema de saúde e da educação. Embora sejam dados de 2015, não há evidências de que tenhamos melhorado, pelo contrário, houve piora em muitos aspectos.

REFORMAS: A PRODUTIVIDADE

Outro tema de grande importância, e que se relaciona com as necessidades das reformas em curso, é a produtividade – um tema que demanda vários estudos econômicos. Embora a crescente dificuldade de sua medição, dada a participação cada vez mais relevante dos serviços e da tecnologia na economia, a produtividade se reveste de uma importância crucial para o desenvolvimento.

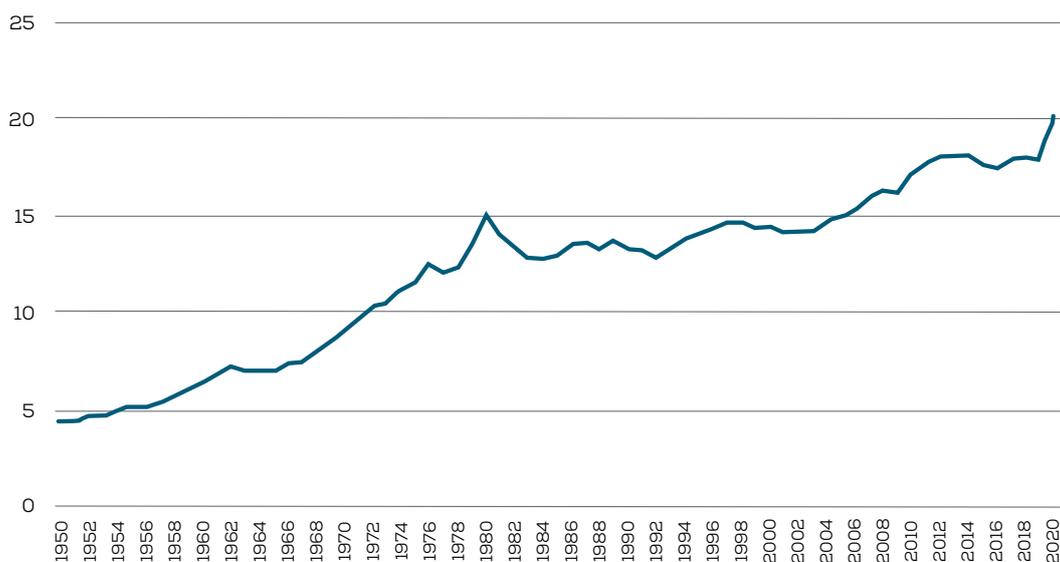
Paul Krugman, Prêmio Nobel de Economia, diz que “a

produtividade não é tudo, mas, no longo prazo, é quase tudo. A capacidade de um país melhorar o seu nível de vida ao longo do tempo depende quase que inteiramente da sua capacidade de produção por trabalhador.”

No caso do Brasil, a produtividade vem se estagnando desde a década de 80. Isso tem correlação com o gráfico anterior, que demonstra um fraco crescimento do PIB nesse mesmo período.

No gráfico abaixo pode ser observada essa trajetória.

GRÁFICO 24 - ESTAGNAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO DESDE 1980



Fonte: FGV IBRE.

FATORES RELACIONADOS À PRODUTIVIDADE

Ainda que a produtividade se relacione a vários fatores – institucionais, econômicos, sociais e geográficos –, no caso do Brasil, os fatores institucionais e econômicos, que estão mais sob o nosso domínio e capacidade de alterá-los, parece que

prevalecem. Com a demora na adoção de medidas que mudem, significativamente, esse estado de coisas, quando comparados, por exemplo, com os EUA, praticamente retomamos a posição anterior da década de 60.

GRÁFICO 25 - CONVERGÊNCIA COM A PRODUTIVIDADE DOS EUA ATÉ 1980 E DIVERGÊNCIA



Fonte: FGV IBRE.

Sabe-se que a produtividade está relacionada aos fatores de longo prazo. No entanto, fatores de curto prazo também interferem nessa condição, como, por exemplo, as alterações do arcabouço legal de vários setores das

economias e melhorias do ambiente de negócios. Nesse sentido, os avanços já registrados e a agenda de medidas legislativas em curso conversam com essas demandas.

Portanto, são todos esses aspectos que nos levam à necessidade de reformar o país e avançar no programa de privatização. É preciso que se tenha em conta a necessidade de privatizar não somente pela geração de resultados das Estatais e sua eficiência em gestão, mas, sobretudo, pelas necessidades crescentes de investimentos – os Correios e a Eletrobrás são exemplos claros. Em que pese todas as dificuldades, dada a atuação de grupos de interesse e a complexidade política brasileira, avanços foram registrados em reformas como a da Previdência e de medidas legislativas.

MEDIDAS LEGISLATIVAS

Segundo a Secretaria de Políticas Econômicas (SPE), conforme já visto, as medidas implementadas pelo Governo Federal, em parceria com o Congresso Nacional, se apoiam em dois pilares básicos: consolidação fiscal e reformas pró-mercado para o aumento da produtividade.

As medidas relacionadas à consolidação fiscal buscam o aperfeiçoamento do arcabouço fiscal, e, como consequência, geram um ambiente macroeconômico favorável

à redução do prêmio de risco-país, queda nas taxas de juros de longo prazo e incremento do investimento privado. Por sua vez, as medidas pró-mercado visam sempre melhor alocação de recursos e o aumento da produtividade da economia.

A figura a seguir, assim como a lista de medidas em tramitação na Câmara e no Senado, apresenta os avanços até então registrados.

FIGURA 13 - MEDIDAS LEGISLATIVAS APROVADAS E EM TRAMITAÇÃO



Fonte: Nota informativa da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Economia - setembro de 2021.

MEDIDAS LEGISLATIVAS EM TRAMITAÇÃO

As medidas legislativas em tramitação na Câmara e no Senado representam boa parte das mudanças necessárias no ambiente de negócios e no aperfeiçoamento do arcabouço regulatório dos setores da economia, para a

realização da privatização necessária e aquelas reformas constitucionais vitais para o destravamento do desenvolvimento do país, conforme pode ser observado nas listas que seguem:

Projetos em tramitação na CÂMARA

- Reforma Tributária - PL 3887/2020
- Modernização do Setor Elétrico - PLS 232/2016
- Reforma Administrativa - PEC 32/2020
- Concessões e Parcerias Público-Privadas - PL 7063/2017
- PEC Precatórios - PEC 23/2021

Projetos em tramitação no SENADO

- BR do Mar (Cabotagem) - PL 4199/2020
- Licença Ambiental - PL 3729/2004
- Mudança do Regime de Partilha para Concessão PL - 3178/2019
- Privatização dos Correios - PL 591/2021
- Teto Remuneratório - PLS 449/16 e PL 6726/16
- Debênture de Infraestrutura - PL 2.646/2020
- Novo Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda - MPV 1045/2021
- Autorização Ferrovias - PL 2337/2021
- Reforma Tributária - PL 2337/2021
- PL Cambial - PL 5387/2019

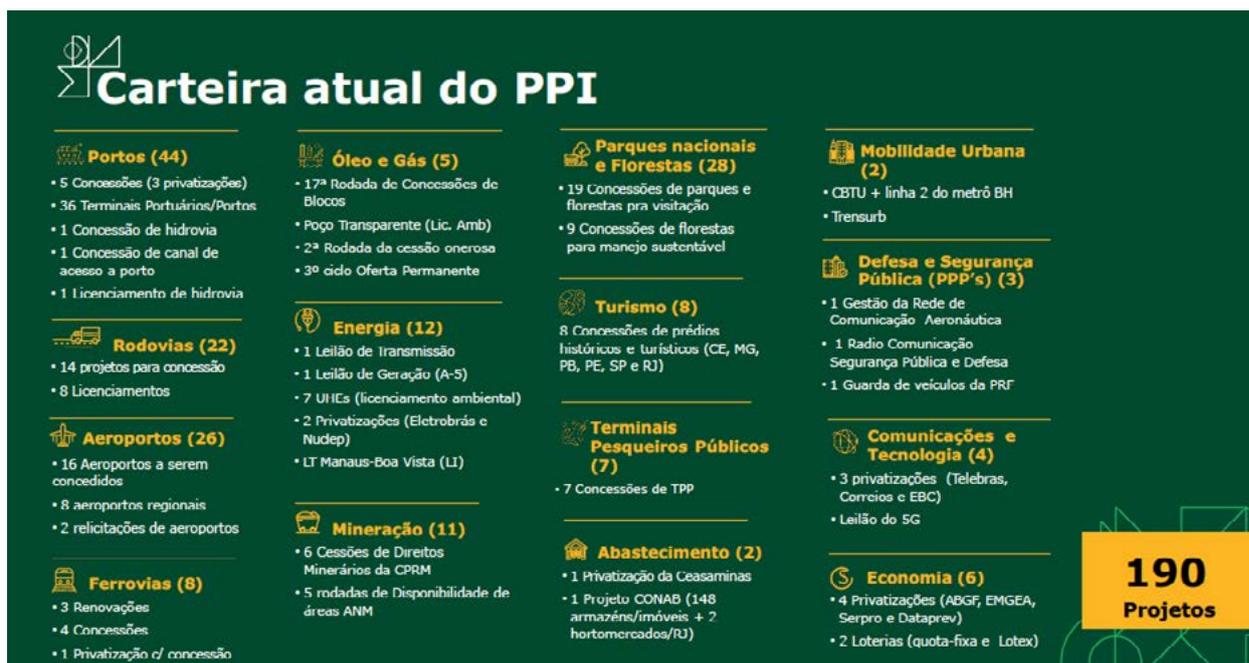
CARTEIRA ATUAL DO PPI

Carteira do PPI

A carteira atual do PPI apresenta nada menos que 190 projetos, que vão da infraestrutura geral ao turismo, defesa, segurança pública e

abastecimento. No quadro abaixo pode ser observada a composição da carteira de projetos.

FIGURA 14 - CARTEIRA DO PPI



Fonte: PPI – Ministério da Economia.

No âmbito das oportunidades de investimentos no Brasil, a agenda de 2022 tem sido intensa.

PREVISÃO 2022 DE INVESTIMENTOS

O quadro abaixo apresenta o conjunto de 126 ativos com investimentos previstos na ordem de R\$ 335 bilhões.

FIGURA 15 - LEILÕES PREVISTOS PARA 2022



Fonte: PPI - Ministério da Economia.

De acordo com relatos do Ministério da Economia, foram contratados, em 2022, algo em torno de 800 bilhões de reais para os próximos dez anos, superando muito as expectativas iniciais para o ano. Isso se relaciona

com as oportunidades oferecidas pelos projetos do PPI, aliado às expectativas das oportunidades futuras, geradas pelo potencial do Brasil frente aos novos arranjos globais já comentados.

REFORMA TRIBUTÁRIA

A necessidade de uma reforma no Sistema Tributário brasileiro é justificada por vários motivos, e seu impacto na melhoria do ambiente de negócios é tema de convergência das distintas visões. Embora no bojo da reforma se discuta o imposto de renda, a verdadeira complexidade deriva dos

impostos sobre o consumo de bens e serviços ou impostos indiretos.

Estamos falando, basicamente, de cinco impostos (PIS, COFINS, IPI, ICMS e ISS) geridos por três entes da Federação:

- A União com PIS, COFINS e IPI;
- Os estados com ICMS;
- Os municípios com ISS.

Somente no âmbito do PIS e COFINS existem centenas de regimes tributários diferenciados e uma legislação de mais de duas mil páginas. Suas interpretações geram litígios de toda natureza. Por outro lado, o ICMS também sofre centenas de alterações por ano em cada estado.

Tudo isso gera enorme insegurança jurídica, deteriora o ambiente de negócios e diminui o fluxo de investimentos.

A COMPLEXIDADE DO SISTEMA TRIBUTÁRIO BRASILEIRO

Para além da complexidade, o Sistema Tributário brasileiro se apresenta: caro, desigual, regressivo e como um dos fatores de desequilíbrio do Sistema Federativo.

É caro porque representa 32% do PIB. No entanto, é preciso se considerar que a atual reforma não reduz a carga tributária.

O que possibilitará reduções será a sua combinação com a Reforma do Estado e o avanço do programa de privatização. Significa que um Estado menor será menos custoso, assim como exigirá menor necessidade de investimentos. Portanto, abrirá possibilidades para reduções de impostos.

A desigualdade gerada pelos incentivos fiscais concedidos pelos estados pode ser ajustada pela adoção do princípio de destino na aplicação do imposto. Tal como a progressividade pode ser minimizada, em parte, pela devolução de impostos pagos para famílias até dois salários mínimos.

O Sistema Tributário desequilibra o Sistema Federativo brasileiro porque

a arrendação dos impostos segue com a participação de 60% da União, 22% dos estados e 18% dos municípios. Essa distribuição é exatamente o contrário do que deveria ser, uma vez que a Constituição de 1988 conferiu maiores atribuições para os municípios.

Isso somente poderá ser resolvido com a Reforma do Pacto Federativo.

REFORMA TRIBUTÁRIA: AS SOLUÇÕES

Todas essas soluções referentes à Reforma Tributária estão previstas no Substitutivo 192 elaborado pelo COMSEFAZ (Comitê de Secretários de Fazenda dos Estados e Distrito Federal) que concilia e aperfeiçoa as propostas da Câmara (PEC 45) e do Senado (PEC 110). Assim como propõe que o IVA (Imposto sobre Valor Agregado) seja dividido em duas partes. Um IVA para os tributos federais e um outro IVA para os impostos dos estados e municípios.

Em síntese, o Governo Federal propõe que a implementação seja em partes. Em outras palavras, primeiro se consolida os impostos federais (proposto na PL 3887), depois se consolida com os estados e por fim com os municípios.

Essa parece ser uma solução razoável, pois minimiza os conflitos e acelera a implementação.

Não há nenhum país com IVA tríplice, mas nada impede que seja considerado como mecanismo de transição para a reforma plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia global desacelera, puxada pelas economias avançadas, como também pela China. No âmbito das economias avançadas, a desaceleração ocorre pelo impacto da inflação global, que já vinha alta na retomada da economia, frente à pandemia, e agora impulsionada pelos efeitos da Guerra na Ucrânia.

Por outro lado, fenômenos como o arrefecimento da globalização, já observado antes e acelerado durante a pandemia, parecem sofrer novos impactos e apontar a necessidade de uma reconfiguração das cadeias globais de produção frente a uma nova dinâmica geopolítica. As tensões globais já existentes, como aquelas

incurridas nos Mares do Sul da China e de Taiwan, e a grande dependência das cadeias globais das rotas inseridas nessa geografia, reforçam essa questão.

Nesse contexto, novos termos são incorporados à gramática global. Durante a pandemia surge uma tensão entre a eficiência gerada pelas cadeias globais e a necessidade de retomar alguns itens de produção, por parte de alguns países, ainda que isso resulte em certo aumento nos custos de produção. Esse movimento foi denominado “resiliência”. Agora, surgem novos termos como “nearshore” e “near friend” para significar o posicionamento do suprimento mais perto e mais seguro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surgem, também, grandes oportunidades para o Brasil, que respondem afirmativamente a essas exigências. Trata-se de um alinhamento geopolítico favorável, quando posicionado entre os dois polos conformados pelos EUA e pela China. Além disso, Brasil consegue prover segurança energética, alimentar e institucional, requeridas por esse novo arranjo global.

Nos aspectos da economia doméstica, indicadores como dívida pública/PIB, taxa de desemprego e relação investimentos/PIB apontam uma direção favorável para o Brasil – com grande probabilidade de se manterem assim ao longo de 2023. Essa visão não é consenso dadas as projeções para 2023, de vários agentes do mercado. No entanto, vale observar que mesmo as projeções mais pessimistas para 2022 foram superadas e a expectativa para este ano apresenta um

PIB muito melhor que aquelas projetados pela maioria desses agentes.

De qualquer forma, o Ministério da Economia apresenta uma projeção acima de 2% para os anos seguintes. A depender da linha macroeconômica que será adotada pelo próximo governo, essas expectativas podem ser melhoradas pelo impacto das reformas demandadas, aqui expostas, alinhadas com as grandes oportunidades que se apresentam.

Isso implica dizer que o impulso para um desenvolvimento duradouro, para a reindustrialização do país – alinhada com os novos padrões de desenvolvimento – e para a equalização do desenvolvimento das regiões, como demandas antigas do Brasil emergente, encontra agora novas oportunidades e aproveitá-las dependerá de nós. Vamos em frente!

DESENVOLVIMENTO PARA DESAFIOS ACIMA DA MÉDIA

Tomar decisões em um ambiente, exponencialmente complexo, tem sido um grande desafio para as Médias Empresas. Muito mais que o envolvimento direto de fundadores e dos principais executivos, o maior gargalo ainda é sobre como desenvolver o negócio em todas as suas frentes.

Sejam acionistas, sucessores ou líderes, o desenvolvimento continuado de pessoas está no centro das preocupações quando o objetivo é garantir perenidade e crescimento sustentável. Na prática, o foco está sempre em alinhar cultura e performance para uma gestão eficaz.

Se o desafio está na implementação de ferramentas práticas de gestão, em novos processos para apoiar a performance e na necessidade de um aprendizado por meio da troca de experiências, as Médias Empresas podem contar com o **PAEX – Parceria para Excelência**.

As intervenções com transferência de conhecimento geram autonomia e equipes de alta performance, capazes de endereçar as demandas de crescimento imediato sem perder a visão de longo prazo.

A transformação digital nos últimos anos também trouxe um novo modelo de gestão, em que a colaboração e a geração de valor compartilhado colocam fornecedores e clientes como protagonistas de uma mesma cadeia de valor. Nesse sentido, a articulação entre esses dois mundos, a soma de esforços, o proveito das sinergias e a potencialização de expertises são fatores competitivos imprescindíveis. Com o **REDES – Desenvolvimento da Cadeia de Valor**, as Médias Empresas ganham a velocidade das pequenas e a solidez das grandes na hora de se posicionar.

DESENVOLVIMENTO PARA DESAFIOS ACIMA DA MÉDIA

Quando o assunto são empresas familiares, novos desafios ganham destaque. Além dos obstáculos de mercado – cada vez mais competitivo – há o compromisso de preservar o DNA e o legado dos fundadores, mirar a longevidade e manter a coesão familiar. Assim, com a **Jornada da Família Empresária** é possível focar no desenvolvimento da governança, dos acordos e protocolos, além da preparação da carreira dos sucessores, para criar as bases de um futuro com prosperidade e harmonia.

O olhar para a preservação do negócio e do patrimônio também pesa nas decisões com impactos de curto, médio e longo prazos. Nessa perspectiva, o

PDA – Programa de Desenvolvimento de Acionistas e Famílias Empresárias

envolve toda a família, agregando à governança e sucessão uma visão aguçada, e necessária, sobre relacionamento.

O time de liderança das pequenas empresas se depara, todos os dias, com um ambiente de negócios incerto e complexo – um grande obstáculo para desenvolver um plano de negócio bem definido e criar valor em ciclos rápidos. Para esses negócios, que necessitam organizar a gestão e focar em pontos vitais para o crescimento acelerado e sustentado, a parceria ideal é o **PAN – Empresas de Pequeno Porte e Startups.**

Uma solução que possibilita a evolução, de forma rápida e consistente, da gestão, dos processos críticos e dos resultados.

DESENVOLVIMENTO PARA DESAFIOS ACIMA DA MÉDIA

Já o **PGL – Parceria para Governança e Longevidade** pode oferecer apoio no que tange à longevidade e à expansão de mercados das Médias Empresas, que estão em um momento de alto grau de maturidade e querem se estruturar para fazer movimentos de crescimento inorgânico. Com o intuito de alcançar esse objetivo, é preciso desenvolver aspectos-chaves que impactem e engajem toda a organização a

dar um passo à frente, sempre com o foco na estratégia para um crescimento exponencial.

Por fim, para todos esses diferentes desafios, buscam metodologias que reforçam a educação executiva como um instrumento de evolução permanente para empresas que não param de crescer.

FDC Médias Empresas, há mais de 30 anos atuando em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

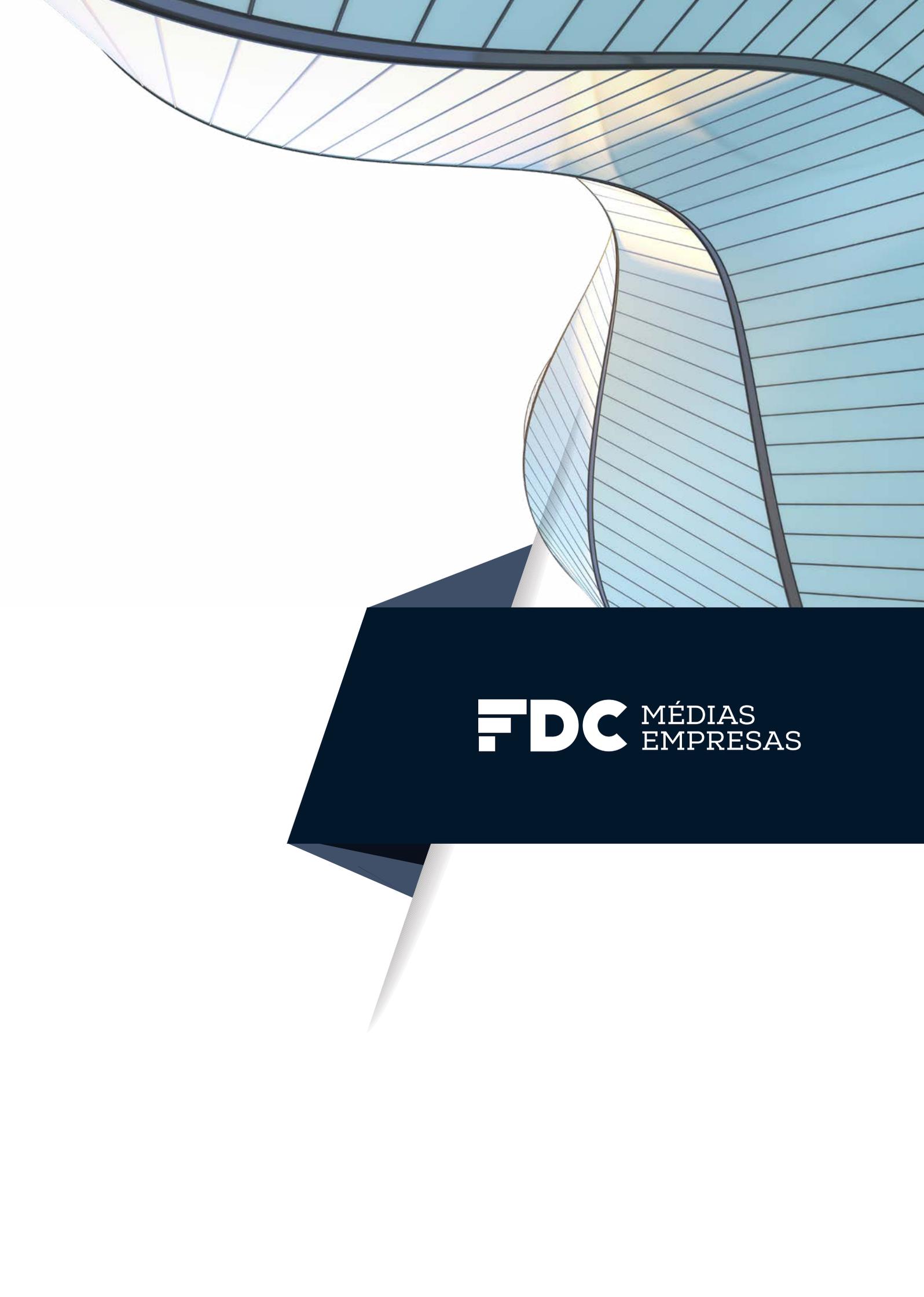
- ADDISON, CRAIG – Silicon Shield – Taiwan’s Protection Against Chinese Attack. Editora Fusion Pr. setembro de 2001.
- ATLAS BRASILEIRO DE ENERGIA SOLAR -
- BANCO CENTRAL DO BRASIL - FOCUS -Relatório de Mercado – Banco Central – julho de 2022
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – Boletim Regional – Departamento Econômico - DEPEC- fevereiro de 2022
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – Relatório de Estabilidade Financeira – Volume 20 - número 2 – outubro de 2021
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – Relatório de Inflação – junho de 2022
- BANCO BRADESCO - Cenários de Longo Prazo Banco Bradesco – julho de 2022
- BANCO ITAÚ - Cenários de Longo Prazo Banco Itaú – julho de 2022
- BANCO SANTADER - Análise Econômica Brasil – julho de 2022
- ENIO BUENO; FERNANDO RAMOS etc. – Atlas Brasileiro de Energia Solar. 2017
- CAMARGO, ODILON; BROWER, MICHEL; LEITE, ANTONIO – Atlas do Potencial Eólico Brasileiro. 2001.
- FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL – FMI - WORLD ECONOMIC OUTLOOK -Recovery During a Pandemic- abril de 2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANCO MUNDIAL - Global Economic Prospects - World Bank - junho de 2022
- BANCO MUNDIAL - Global Productivity Trends, Drivers, and Policies - World Bank - Junho de 2021
- FORUM ECONÔMICO MUNDIAL - Annual Report 2020 - 2021
- FORUM ECONÔMICO MUNDIAL - Global Risks Report 2022
- GÓES, C. and E. BEKERS - "The impact of geopolitical conflicts on trade, growth, and innovation: An illustrative simulation study" - VoxEU, 2022
- INTERNATIONAL CHAMBER OF COMMERCE; WAYCARBON - Oportunidades para o Brasil em Mercado de Carbono. 2021 FDC
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Secretaria de Política Econômica - Conjuntura Macroeconômica e Arrecadação Bruta de Tributos Federais - abril de 2022
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Panorama Macroeconômico - julho de 2022
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Programa de Parcerias de investimentos do Governo Federal - PPI - outubro de 2021
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Relatório de Projeções Fiscais - junho de 2022
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA - Secretaria Especial do Tesouro e Orçamento - Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas - Segundo Bimestre - maio de 2022
- MENDES, GILMAR - Os Motores da Civilização Ocidental - Democracia, Capitalismo e Tecnologia - novembro de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MENDES, GILMAR - A Sociedade e o Estado - outubro de 2019
- MENDES, GILMAR - A Economia Brasileira e a Matriz Institucional - junho de 2019
- MENDES, GILMAR - As Mudanças Essenciais na Crise COVID-19 - Impactos para o Futuro - FDC - maio de 2020
- MENDES, GILMAR - Ambidestria Estratégica na Crise - Gestão da emergência e do crescimento - FDC - abril de 2020
- MENDES, GILMAR - Contexto, Crise e Estratégia Ambidestra - FDC - junho de 2021
- UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA : Agricultural Projections to 2026. Long-term Projections Report No. OCE-2017-1. Fev. 2017



FDC MÉDIAS
EMPRESAS